

A CATEQUESE E O ENSINO RELIGIOSO NA HISTÓRIA LASSALISTA

Irmão José Maria Pérez Navarro, FSC

O Irmão José Maria Pérez Navarro está encarregado da Formação no Centro Espanhol Lassalista de Madri. Em 2001 apresentou e defendeu uma tese de doutorado na Pontifícia Universidade Salesiana de Roma. Essa tese tem como proposição a atividade catequética do Instituto desde suas origens, porém, mais especialmente nos anos posteriores a 1950.

Essa obra é apaixonante. Põe-nos diante dos olhos um Instituto dedicado ao ensino, permanentemente voltado para um dos seus objetivos prioritários: ministrar uma educação cristã e “instruir nas verdades do cristianismo e nas máximas do santo Evangelho”.

Porque a Escola Lassalista é um espaço de cultura, de bons relacionamentos, de conhecimento, de aprendizagem, um lugar de crescimento pessoal e coletivo, e só pode ser isto autenticamente, mantendo-se fiel a seu projeto global de abertura ao Espírito Santo mediante uma proposição respeitosa e livre do Evangelho.

Neste Caderno da MEL optamos por apresentar aos nossos leitores uma parte desse estudo. Nossa opção se centrou no período mais próximo de nós, e pode levar-nos a compreender melhor o que estamos vivenciando hoje no âmbito da catequese. Isto representa uma proposta muito iluminadora de perspectivas.

- ♣ O primeiro capítulo nos apresenta o compromisso do Instituto entre os anos de 1950 a 1980. Deparamos ali com uma intensa vontade política, a criação de centros de prestígio, destacadas personalidades espanholas, italianas, francesas, australianas, chilenas, americanas...
- ♣ O segundo capítulo situa a difícil catequese lassalista no contexto dos grandes desafios sociais e eclesiais dos anos que vão de 1980 a 2000.
- ♣ O terceiro capítulo apresenta dez desafios que se nos apresentam hoje, no conjunto do planeta.

Agradecemos aqui ao Irmão José María Pérez Navarro pela excelente contribuição com este seu trabalho à MEL.

Estas páginas merecem ser lidas. Mais ainda, são um estímulo para nossas equipes de pastoral para avaliarem seriamente suas atividades, e adotar iniciativas sempre mais adaptadas à nossa época e a nossos contextos atuais.

A história do nosso Instituto nos convoca para isto.

Irmão Nicolas Capelle, FSC
Secretário da Missão Educativa

APRESENTAÇÃO GERAL

“O fim deste Instituto é dar uma educação cristã aos meninos; com este objetivo é que se encarrega das escolas, para que, estando os meninos, da manhã à tarde, sob a direção dos mestres, possam estes ensinar-lhes a bem viver, instruindo-os nos mistérios da nossa santa religião, inspirando-lhes as máximas cristãs, e assim dar-lhes a educação que lhes convém”. RC, 1.718, 1,4)¹

Nestes termos, São João Batista de La Salle, Fundador do Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs, apontava a seus Irmãos a finalidade do seu Instituto, recém-criado: a educação humana e cristã dos meninos, especialmente dos mais pobres.

Portanto, no projeto original do Instituto, a catequese e a formação religiosa pelo ensino do catecismo, não são um elemento secundário, mas um elemento básico essencial, nossa “principal função”, como o próprio Fundador em variadas oportunidades voltou a afirmar.

Essa consciência da importância capital da catequese e do ensino religioso tem estado presente no pensamento e na ação de todos os lassalistas, que deram continuidade a esse projeto durante já mais de três séculos. Todavia, na rica e interessante história dos Irmãos das Escolas Cristãs, se entremearam momentos de grande preocupação por estes temas, com espaços de falta de atenção ou de interesse; acertos, triunfos, bons resultados, erros e fracassos consideráveis; épocas de renovação e de deixar correr; o Instituto contou com insígnis catequistas em certas épocas de sua história, exerceu certa liderança na reflexão catequética e catequística da Igreja, contou com instituições prestigiosas para a formação de catequistas, mas, ao mesmo tempo, de descuido ou de desleixo na formação teológica e catequética e catequística de seus membros, de preocupação por bons resultados pedagógicos em detrimento do labor pastoral.

A) 1950 – 1980. O COMPROMISSO ATIVO E PIONEIRO DO INSTITUTO

Período de 1956-1962. – Às vésperas do Concílio Vaticano II

O Capítulo Geral de 1956, se constituiu numa vigorosa chamada para intensificar a formação dos Irmãos nas variadas matérias, que permitissem ministrar uma esmerada educação religiosa. Algumas regiões do Instituto, a França por exemplo, elaboraram seus próprios conteúdos e recursos e exames à margem do centro do Instituto. Foram realizados um sem-número de encontros e de cursos. Foram publicadas revistas catequéticas e catequísticas cuidadosamente elaboradas. Em 1960 surgiu *Sinite*, outra revista nova, vinculada ao Instituto São Pio X. Várias Editoras no Instituto fizeram publicações catequéticas e catequísticas de grande valor, dentre as quais podemos destacar: AyC (Itália), Bruño (Espanha), Saint Mary’s Press (Estados Unidos), Ligel (França). Desse período, porém, se devem destacar duas realizações: a) A fundação de dois

¹ *Obs. O Caderno MEL 17, nas três línguas oficiais do Instituto, traz os títulos “La Catéchèse...- La Catequesis... e The Teaching of Catechism...- na História do Instituto. Isto obriga a uma pequena observação: Este Caderno deve ser lido com a atenção voltada aos substantivos CATEQUESE e CATEQUÉTICA, e os adjetivos CATEQUÉTICO (catequese), CATEQUÍSTICO (ensino religioso, ensino do catecismo), no período anterior à Renovação catequética, após o Concílio Vaticano II. Antes do Concílio, a Catequese incluía indiferentemente a Catequese e o Ensino Religioso ou do Catecismo. A distinção entre os dois e a presença necessária de ambas na Evangelização, aparece no período após o Vaticano II, em uma porção de documentos oficiais da Igreja, dos Papas e das Congregações romanas, como se verá na Seção B, deste caderno.- Na língua inglesa, o tradutor já fitou o olhar na compreensão do termo no período atual. Na tradução para o português se considerou melhor aglutinar as duas acepções: Catequese e Ensino Religioso.*

Institutos Catequéticos de grande prestígio, destinados não só aos Irmãos das Escolas Cristãs, mas a todos os Institutos de Irmãos educadores. -

b) A reflexão que o Instituto realizou sobre o ministério educativo do Irmão, tão presente no pensamento do Fundador, e tão esquecido nestes dois últimos séculos.

Durante este período, na Igreja foram criados vários Centros Superiores de Catequética e Ciências Religiosas: Paris, Nimega, Lumen Vitæ; Lovaina, Estrasburgo, Graz. Instituto de Catequética do Pontifício Ateneu Salesiano, Viena...

Também o Instituto se viu premido para criar Institutos de Formação Superior, em primeiro lugar dedicados aos seus próprios membros, e, em segundo lugar, abertos a outras pessoas, especialmente religiosos leigos e religiosas, que não tinham oportunidades para se formarem em Faculdades de Teologia.

Vou relatar algo sobre o Instituto “Jesus Magister” de Roma, e do Instituto “*San Pio X*” que começou a consolidar-se em sua sede de Salamanca, na Espanha.

A origem do Instituto “Jesus Magister”

Imediatamente após a conclusão do Capítulo Geral de 1956, o Irmão Superior Geral e seus Assistentes se puseram a trabalhar para concretizar a proposição aprovada pelo Capítulo, e sugerida pelo cardeal prefeito, consistindo na fundação do Instituto Superior de Cultura Religiosa, destinado a religiosos leigos educadores. O Irmão Nicet-Joseph, em 19 de julho de 1956, enviou uma carta a todos os Superiores Gerais de Congregações de Irmãos Educadores. O objetivo da carta era apresentar o possível projeto da fundação desse Instituto: dedicado à formação de religiosos leigos educadores, com professores dos próprios Institutos e sacerdotes de universidades romanas, com títulos oficiais que permitissem ministrar aulas de ensino religioso nos centros escolares. O Curso haveria de iniciar em 1957-1958.

No primeiro ano se inscreveram 22 alunos. Esse número foi aumentando até passar além de 100 no quarto ano, e alcançar 140 no ano escolar de 1962-1963. Este foi o máximo a que a matrícula chegou, começando a decair ligeiramente a partir de então.

Em 23 de julho de 1960 foi instaurada a fundação canônica do “Jesus Magister”. Foi aprovado o estatuto; os títulos acadêmicos que a instituição podia conceder foram ratificados, assim como um programa de quatro anos de estudos. O centro foi adstrito à Faculdade de Teologia da Universidade de Latrão. Em 1961, os títulos acadêmicos foram oficialmente reconhecidos. O primeiro grupo de 45 alunos foi licenciado em Ciências Religiosas.

1. Os Pioneiros do Movimento Catequético e Catequístico no Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs

A tão necessária renovação catequética e catequística começou a raiar de cinco regiões distintas do Instituto. Essa renovação sempre esteve ligada às pessoas de certos Irmãos que compreenderam que era preciso que ela acontecesse. Cada um deles viveu alguma situação difícil e complexa, trabalhou denodadamente para que alguma transformação para melhor se tornasse possível. Vou limitar-me a fazer conhecer o vir-a-ser dos acontecimentos nos cinco países onde, a meu ver, esses esforços de renovação foram mais interessantes nos anos anteriores ao Concílio Vaticano II: França, Espanha, Itália, Estados Unidos e Austrália.

a) França - Irmãos Charles-Bruno Prat e Vincent Ayel - A Revista *Catéchistes*

Do início do movimento catequético e catequístico francês do Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs, é preciso destacar especialmente a pessoa do Irmão *Charles-Bruno Prat*, Provincial de *Le Puy*, de 1934 a 1947. Desde que fora incumbido dessa responsabilidade se empenhou diligentemente na formação dos jovens Irmãos. A segunda guerra mundial obstou seus esforços de formação, mas, uma vez terminado o conflito, e contando com a presença de Irmãos muito motivados pela ação catequética, os enviou às Faculdades e aos Institutos Superiores de *Lille* e *Lyon*. Ali esses Irmãos usufruíram a benéfica influência dos grandes arautos da renovação catequética e do ensino religioso, renovação bíblica, litúrgica e teológica. Um vez concluída a passagem pela Universidade eram designados para o Escolasticado de *Caluire* para que, além de aprimorarem seus conhecimentos, também contribuíssem na formação inicial dos novos Irmãos.

Não se contentaram nem se limitaram apenas a formar os jovens Irmãos, mas promoveram semanas formativas destinadas a todos os Irmãos da França.

A preparação desses Irmãos estava dando seus primeiros frutos e o futuro se anunciava promissor sob a orientação do Irmão *Charles-Bruno Prat* e os trabalhos dos Irmãos *Vincent Ayel*, *Louis Falcombello*, *J. Raynaud* e *Michel Sauvage*.

Mas, os Superiores, em Roma, não tinham essa mesma visão, e os discursos do Irmão *Athanase-Émile* convergiam na linha de não mudar, não inovar, manter-se fiéis à Regra das origens, impedir que acontecesse qualquer desvio. Por ocasião do retiro de Superiores, em março de 1947, em Roma, a situação atingiu a tensão máxima. O conjunto das intervenções do Superior Geral chegou a ser um amontoado de proibições. O Irmão *Charles-Bruno Prat*, enviou carta solicitando demissão ao Superior.

A demissão foi aceita. Pouco tempo depois deu-se um fato muito importante: o Irmão *Charles-Bruno Prat* foi nomeado diretor de Serviços da Procura Geral de Paris, cuja atividade mais importante era a edição de livros escolares e do Instituto. Essa Procura, pouco depois, veio a ser a Editora LIGEL (*Librairie Générale de l'Enseignement Libre*).

A preparação de um grupo de Irmãos jovens em catequética e catequística, com bons contatos com o mundo do movimento catequético e catequístico francês, a orientação do Irmão *Charles-Bruno* da Editora LIGEL, e o desejo manifestado pelo Superior Geral de contar com uma revista prestigiosa do Instituto na área catequética, foram os fatores favoráveis para a emergência da Revista *Catéchistes*.

A Revista foi muito florescente. Iniciou com uma tiragem de 2.000 exemplares, e se difundiu por toda a França e pelas muito variadas comunidades do Instituto em todo o mundo. É preciso que se diga que essa Revista não era imposta (como acontecia normalmente com referência às publicações oficiais do Instituto), mas cada Irmão ou cada comunidade podia assiná-la livremente.

Por que essa Revista teve tanto êxito? – Em primeiro lugar, devido à personalidade e à notoriedade dos autores, dentre os quais se incluíam numerosos corifeus do movimento catequético e catequístico, como *Quinet*, *Fargues*, *Boyer*, *Colomb*, *Coudreau*, *Babin*.... Por outro lado, pelas grandes figuras da renovação bíblica e litúrgica que tiveram influência decisiva no Concílio Vaticano II: *Martimort*, *Gelin*, *Roguet*... e ainda pela qualidade das produções dos próprios Irmãos: *Ayel*, *Fermet*, *Piveteau*, *Sauvage*, *Fiévet*, ...Todas essas contribuições conferiam à revista um elevado nível intelectual.

Em segundo lugar, a Revista se orientava para a formação de catequistas; para isto, um tema permanente era o interesse pelo equilíbrio entre doutrina e prática. Os leitores eram constantemente desafiados a aplicarem as orientações doutrinárias na sua atividade e de expressarem suas reações.

Em terceiro lugar, a Revista estava em correlação íntima com a evolução do movimento catequético e catequístico. Assim, quando no início dos anos cinquenta se falava especialmente do problema do método, apareceram artigos de catequistas de nomeada, como *Fargues*, *Derkenne*, *Dingeon*... Mais tarde, com o desenvolvimento da catequese querigmática, foram incluídos artigos que tratavam da liturgia e da Bíblia. Em 1957 são encontráveis ecos da famosa “crise do catecismo progressivo”.

A Revista, em páginas inteiras, informa sobre os trabalhos do Concílio Vaticano II. Nos anos sessenta ocupa-se da famosa corrente antropológica da catequese; logo em seguida, no auge da chamada catequese política, surgida em torno do Congresso catequético de Medellín. A rapidez das mudanças sociais e culturais do período pós-conciliar são igualmente assinalados pelos autores de *Catéchistes*, mudanças que insistem na mudança da catequese para uma nova linguagem da fé.

Em quarto lugar, os temas polêmicos e difíceis daqueles tempos foram enfocados em profundidade e sem receios: moral e dogma, catequese e valores terrenos, fins últimos, liberdade religiosa, pessoa humana... Neste sentido, destaco os artigos dedicados a Teilhard de Chardin, a evolução da escola, a atitude dos cristãos em face dos judeus, ou a polêmica no pós-concílio acerca da necessidade ou não da catequese.

Ao chegar ao número 100 da Revista, em outubro de 1974, os responsáveis viram que as mudanças que se operavam na área catequética e do ensino religioso tinham chegado a um grau tão elevado que se tornava necessária uma nova Revista que fornecesse aos cristãos novos meios de dizer “Jesus Cristo” e “Deus” no mundo atual.

A partir de 1975 apareceu *Temps et Paroles*, que circulou durante apenas cinco anos, com 25 números editados. – Assim, em 1979, terminaram as revistas catequéticas e catequísticas dos Irmãos franceses.

b) Espanha - O Irmão Guillermo Félix - Origem do Instituto *San Pio X* de Ciências Catequéticas – Catequística La Salle

Terminada a Guerra Civil Espanhola, em 1939, instaurou-se na Espanha o chamado catolicismo-nacional, cuja idéia básica era: “Catolicismo e Pátria são consubstanciais”. A Concordata entre o Estado espanhol e a Igreja, de 1953, legitimou o sistema. No início do período estudado, 1946, a Espanha sofria o isolamento político e econômico devido a seu sistema ditatorial e suas simpatias pelas nações que tinham perdido a Segunda Guerra Mundial. Essa situação obstou a comunicação da Igreja espanhola com as ciências teológicas e humanas que vinham avançando na Europa. A catequese e a catequística sem a renovação bíblica e teológica se estanca no doutrinal e no metodológico. As novas correntes catequéticas e de ensino religioso, como a renovação querigmática, foram entrando só mais tarde que em outros países, mediante a transmissão daqueles sacerdotes e religiosos que estudavam nas Universidades européias.

Na Espanha, o Instituto Lassalista, no decênio 1946-1956, destaca-se, sobretudo, no dia 12 de outubro de 1955, a fundação em Salamanca, de uma instituição que, no início, foi denominada de “*Estudios Lasallianos*” e que, posteriormente veio a ser o Instituto Superior de Ciências

Catequéticas *San Pio X*. A importância e o valor desse Centro é tão importante, que alguns autores afirmam: “ Para o movimento catequético e catequístico espanhol, essa fundação conjetura o início da superação da inércia e da mentalidade medieval que o havia invadido após a Guerra Civil”.²

Numa Igreja e numa sociedade tão profundamente clerical, a fundação do primeiro Instituto de Catequética na Espanha, por uma instituição de religiosos leigos, chama a atenção. E qual seria sua gênese?

Assim como na França, *Charles-Bruno Prat*, um Irmão com responsabilidade de Provincial no Instituto, promoveu e animou a mobilização dos esforços catequéticos e catequísticos dos Irmãos franceses, na Espanha, o Irmão *Guillermo Félix*, 1897-1995, um outro Irmão com responsabilidade mais elevada no Instituto, Assistente desde 1946 a 1966, se tornou o primeiro responsável pelas instituições e os centros catequéticos e catequísticos dos Irmãos espanhóis, anteriores ao Concílio Vaticano II.

Já em 1930, o Irmão Guillermo desejara dedicar-se aos estudos de Teologia a nível do universitário, o que naquela época lhe foi negado, devido a tal oportunidade ser então impensável para qualquer Irmão. Após a Guerra Civil teve uma fulgurante ascensão nos diversos postos de responsabilidade: Diretor, Provincial de Madri, e, eleito capitular em 1946, teve que mudar-se a Roma, pois foi eleito Assistente para a Espanha, Portugal, Panamá e Peru-Bolívia.

A partir de então, o Irmão Guillermo Félix se decidiu a agir no sentido de conseguir que a formação integral dos Irmãos viesse a ser um elemento fundamental para o futuro do Instituto na Espanha. Ele se dera conta de quão urgente era a necessidade de garantir ao conjunto dos Irmãos uma formação teológica, pedagógica e espiritual da mesma qualidade que a preparação profissional.

Uma lei da educação, promulgada em 1940, foi o elemento que desintencionalmente veio a ser um dos marcos para a formação teológica dos Irmãos. Um dos artigos da lei, literalmente interpretado, decretava que a educação religiosa dos alunos maiores devia estar exclusivamente ao encargo dos sacerdotes, inclusive nos centros de religiosos leigos. Em algumas dioceses, foi feita uma leitura em sentido lato dessa lei, e muitos Irmãos, com competência, puderam continuar ministrando as aulas de religião, aos alunos dos cursos mais adiantados. Em outras dioceses, porém, as coisas não aconteceram assim, e ali começaram a surgir os primeiros problemas. O Irmão Guillermo Félix julgou que não se podia negar o direito de ministrarem cursos de religião aos Irmãos possuidores de graduação superior em Teologia. Na realidade, o que ele pleiteava, era “poder contar com um grupo móvel de teólogos, dispostos a acudir onde o perigo e as urgências fossem maiores”.

Foi deste modo que decidi criar um grupo nucleal de professores bem preparados, e, para isso, em 1949, enviou a Roma quatro Irmãos jovens, pertencentes um a cada uma das Províncias espanholas, para iniciarem seus estudos na Universidade Gregoriana. Em 1953, foi enviado um segundo grupo de seis, elevando-se assim a dez, o número de Irmãos espanhóis estudantes em Roma.

Por sua vez, os Irmãos Provinciais da Espanha, divisaram a necessidade de criar um centro nacional onde os Irmãos, antes de iniciar sua carreira profissional civil, se preparassem em todas as disciplinas indispensáveis a um religioso educador. Estavam à disposição Irmãos professores bem preparados por seus estudos em universidades européias, mas fazia falta um lugar adequado para esse centro de formação. Foram alvitados diversos locais, para finalmente, a opção incidir sobre

² J.A. López, Análisis del movimiento catequístico español previo al Concilio Vaticano II, 46

Tejares, um pequeno povoado próximo de Salamanca. – Em 12 de outubro de 1955, foi inaugurado o novo Centro, com o nome de “*Estudios Lasallianos*”.

Com certeza, a fundação do Centro de *Tejares* é a obra mais em evidência do impulso catequético dos Irmãos espanhóis, mas, é de todo conveniente que outras realizações concretas, também dignas de menção, lhe sejam acrescentadas.

A origem do relançamento catequético e catequístico do Instituto na Espanha pode ser situado em 1951, ano significativo para os lassalistas, devido à comemoração do Tricentenário do nascimento do Fundador. Dentre as atividades previstas pelo Irmão Guillermo Félix, constavam as “Jornadas Catequísticas Nacionais”. O Irmão Assistente convocou todos os Irmãos das Províncias da Espanha para algumas jornadas destinadas ao catecismo, com concursos, sessões de estudo... Para a primeira sessão foi convidado o bem creditado catequista Irmão Leone di Maria. As iniciativas foram muito exitosas, e as jornadas catequísticas continuaram a ser realizadas ano após ano até 1963. As atas recordando essas jornadas foram impressas. - Como resultado dessas jornadas catequísticas foi fundado na Espanha um órgão publicitário periódico, “Catequística La Salle”, que devia converter em materiais concretos todas as idéias surgidas no decorrer dessas jornadas.

A primeira atividade e fruto daquilo que se elaborara nas Jornadas Catequísticas foi um *Fichário Catequístico* que chegou a ter uma tiragem de 12.000 exemplares. De algumas dessas Fichas foram feitas até quatro edições, e foram difundidas pelos países de língua espanhola. Esse fichário tinha uma característica prática oferecendo subsídios, citações, exemplos, orientações, enfim, tudo quanto pudesse ajudar a preparar uma lição de catecismo ou uma palestra. Esse material foi impresso até 1973, após uma publicação de nada menos de 8.990 fichas.

Outra atividade da “Catequística La Salle” foi a edição de livros de texto para as escolas lassalistas. Não podemos dizer que esses livros fossem muito inovadores, visto que tinham que respeitar a teologia escolástica de sempre, mas tinham uma apresentação mais desenvolta, e neles era dada maior importância à Bíblia, à liturgia e à moral. A verdadeira inovação veio com a metodologia empregada: um verdadeiro trabalho de equipe, com freqüentes revisões do texto básico.

A todas essas iniciativas, as Províncias da Espanha ainda somaram uma boa quantidade de outras atividades, como bibliotecas catequéticas e de catequística, palestras, cursos... Muitos Irmãos foram propostos para animar jornadas catequísticas, ser membros de secretariados diocesanos de catequese, composição de livros e outras literaturas...

c) Itália – Irmão Leone di Maria – Comissão Catequético-catequística Italiana – Didática Catequística

Os Irmãos italianos, graças ao estímulo do Irmão *Candido Chiorra* realizaram um trabalho admirável na área da catequética e da catequística, ao longo da primeira metade do século XX. Esse notável trabalho prosseguiu com surpreendente intensidade nos anos posteriores à Segunda Guerra Mundial. Em abril de 1942, atendendo a um chamado do Vigário Geral, Irmão *Arèse-Casimir*, um grupo de Irmãos das Províncias de Roma e de Turim, reuniram-se em *Erba*, e criaram a Comissão Catequético-catequística Italiana. Três meses depois foi celebrado o *Convegno catechistico* de Fano, que haveria de dar um impulso determinante à Comissão, para animar, controlar e regular os diferentes trabalhos catequéticos que se estavam realizando nas duas Províncias.

Se até esse momento a operosidade tinha sido abundante, mercê do impulso dessa Comissão puderam ser contadas aproximadamente 1.500 intervenções anuais em convênios, conferências, colóquios com sacerdotes, religiosos, religiosas, catequistas, leigos... de Irmãos que se deslocavam para todas as dioceses italianas, para explicar a didática catequística.

A Revista *Sussidi*, fundada em 1936, era o órgão de formação e de informação dos Irmãos da Comissão Catequético-catequística Lassalista. Essa publicação que, no início era bimensal ou quinzenal, a partir de 1950, passou a ser mensal, e, além dos artigos teóricos, apresentava uma boa quantidade de subsídios catequísticos para os educadores da fé. Foi por isso que, em princípio, *Sussidi*, foi tomada e entendida mais como uma revista didática do que propriamente de reflexão catequética, como foi, por exemplo, a Revista *Catéchistes*. Suas últimas páginas eram sempre dedicadas a informar sobre as abundantes atividades realizadas pelos Irmãos da Península. Sem dúvida alguma, a revista foi muito importante para a catequese italiana, especialmente no período pré-conciliar.

A partir de fevereiro de 1962, em cada número da revista, foi tratado um tema monográfico. Simultaneamente iniciou um certo declínio. A falta de interesse por parte dos Irmãos, a carência de substitutos para os primitivos fundadores e uma deficiência de renovação nos conteúdos provocou seu desaparecimento em 1977. – Em 1985, o Irmão Mario Presciuttini e um grupo de colaboradores da Província de Roma iniciaram um novo período da revista, com o mesmo título: *Sussidi per la Catechesi*, de publicação bimensal.

Juntamente com a revista, os Irmãos editaram uma grande quantidade de livros de metodologia catequística, de psicologia, textos de catecismo, textos de História Sagrada, ensaios práticos de lições de catecismo, biografias de catequistas... Serviram-se de sua própria Editora (AyC) para essas publicações.

O principal impulsor dessa Comissão Catequético-catequística Lassalista foi o Irmão Leone di Maria (1892-1969). Foi o presidente da comissão desde sua fundação em 1942, até 1968, poucos meses antes de sua morte.

O Irmão Leone di Maria durante oito anos foi professor de Catequética no Seminário Maior de Turim (1929-1937), e no Instituto Pastoral da Pontifícia Universidade Lateranense (1963-1965). Desempenhou ainda as funções de Inspetor Nacional de Ensino Religioso das Escolas da Itália (1943-1960); membro do Conselho Catequético Nacional; orientador em muitos Congressos Catequéticos diocesanos, em cursos para catequistas, em convenções... Relator no Congresso Catequético Internacional de Roma, em 1950. No Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs, exerceu a função de Postulador das causas de beatificação e canonização, desde 1938 até sua morte, e foi Assistente eleito para a Região da Itália (1956 a 1966).

Todo esse brilhante currículo do Irmão Leone di Maria demonstra claramente o prestígio por ele alcançado dentro do Instituto e da própria Igreja italiana.

Sua obra catequética e catequística é amplíssima. Algumas semanas antes de falecer, o Irmão Leone ainda redigiu e publicou um opúsculo em que arrolou as quase 600 obras entre livros, folhetos, artigos, resenhas e prefácios de sua autoria.

O Irmão Leone compôs catecismos, séries de temas de teologia para jovens, guias didáticos para professores e catequistas, palestras... Sua grande contribuição, porém, foi a de ser um defensor dos métodos ativos na catequese e no ensino do catecismo.

O Irmão Leone explica a lição ativa do catecismo como aquela em que, em vez de dar uma explicação preferentemente expositiva, o professor solicita repetidamente a colaboração dos alunos para que eles mesmos descubram a verdade; para que busquem as variadas aplicações práticas que se podem tirar; para que indiquem exemplos que confirmem os argumentos; para que expressem seus sentimentos pessoais; para julgar fatos ou sentenças; para que respondam a objeções fáceis de tipo prático; para que efetuem imediatamente alguma ação alusiva ao tema tratado... A “escola ativa” se esforça por obter a participação do aluno, busca que os alunos não somente desenvolvam a capacidade de memorização, mas todas as suas potencialidades.

Numa época em que se “sacralizava” o método tradicional lassalista, o Irmão Leone mostrou que o método proposto por São João Batista de La Salle no Guia das Escolas já era plenamente ativo. La Salle não queria que na aula de catecismo o professor falasse muito; devia dirigir repetidas perguntas aos alunos para que descobrissem a verdade, e interrogar a todos os alunos para os manter plenamente “ativos” e atentos à lição. Além disto, a escola lassaliana dos começos pedia a participação dos alunos nos variados “pequenos serviços” mencionados no Guia das Escolas. O Irmão Leone patenteia, pois, que esse método “novo” é nada mais que um aperfeiçoamento dos métodos do Fundador.

O Irmão Leone di Maria foi considerado o grande catequista do Instituto, e sua influência na Itália e nos outros países foi notória. Como seguidores desse Irmão, encontramos um numeroso grupos de lassalistas, dentre os quais cumpre destacar os Irmãos Agilberto, Alberto di Maria, Anselmo Balocco, Beniamino, Remo di Gesù... e muitos outros.

Quando, no pensamento do movimento catequístico se acentuava o problema do conteúdo, os Irmãos italianos se concentravam na didática. O problema a que tentavam responder era aperfeiçoar, com as novas técnicas, como “fazer” o catecismo. O conteúdo era imutável e determinado, fixo, e o que se devia tentar, tendo em conta a psicologia das crianças, era tornar a doutrina mais “digerível”. Ao passo que o movimento querigmático ia em busca do redescobrimto da Bíblia e da liturgia na catequese, os manuais dos Irmãos italianos continuavam dependentes dos esquemas mais tradicionais. A causa desta situação, talvez, estivesse fundamentalmente na falta de renovação teológica, bíblica e litúrgica dos Irmãos da Península, nesses anos.

d) Estados Unidos – Irmãos John Joseph e Alphonsus Pluth – Editora Saint Mary’s Press

Assim como aconteceu com a Itália, para entendermos o grande movimento catequético e catequístico dos Irmãos das Escolas Cristãs nos Estados Unidos, temos que fitar os olhos numa época um pouco passada. No caso norte-americano, especificamente nos anos vinte e trintas. O fruto mais visível e conseguido pelos Irmãos, foi o texto catequístico *Living with Christ*, finalizado em 1957, mas para chegar a esse resultado foi-lhes preciso dar muitos passos, que é preciso conhecer.

Durante muitos anos, o catecismo mais usado nas paróquias e nas escolas católicas dos Estados Unidos foi o popular e bem conhecido *Catecismo de Baltimore*, texto proposto pelos bispos norte-americanos na terceira conferência plenária de 1884, e publicado um ano depois. O texto foi várias vezes revisado e, em 1911, foi-lhe dado o título de *Catechism of Christian Doctrine*. Consistiu num texto de 499 perguntas e respostas, repartidas em 38 lições divididas em três partes principais: Credo, Mandamentos e Sacramentos. Era um manual tradicional, escolástico e claro, que obstruía quaisquer tipos de discussões teológicas. Seguindo a tônica dos manuais de catecismo era

um texto árido, seco, aborrecível, centrado exclusivamente em aspectos doutrinários, com pouca presença da Palavra de Deus e da liturgia, e alheio à vida dos catequizandos.

Para os católicos mais tradicionais era um bom manual, que dava os conhecimentos essenciais da fé; todavia, para a maioria da população católica, esse catecismo não respondia às necessidades da educação da fé.

Da parte de muitas paróquias, dioceses, congregações religiosas, movimentos católicos.. se fez perceber a necessidade urgente de realizar uma renovação do catecismo católico dos Estados Unidos.

Gerard R. Sloyan, o principal renovador da catequese e da ensino religioso nos Estados Unidos anteriormente ao Concílio Vaticano II, reconheceu que os Irmãos das Escolas Cristãs foram os religiosos que mais diligência empenharam na renovação do ensino do catecismo no país.

O grande iniciador do movimento catequético e catequístico dos lassalistas nos Estados Unidos foi o Irmão *John-Joseph McMahon* (1873-1942). Alcançou muito prestígio como exímio conferencista e escritor na Igreja Católica norte-americana. Em múltiplas ocasiões atendeu a convites para palestras, encontros, entrevistas com bispos, sacerdotes e professores de ensino religioso que esperavam receber do Irmão John-Joseph um método renovado na catequese e no ensino religioso. Publicou numerosos artigos em revistas especializadas, além de vários livros.

Dentro do Instituto nos Estados Unidos foi o pai da renovação catequética e do ensino religioso. Organizou o *Catechetical Office* da Província de Saint Louis; criou o *Department of Religion* no *Saint Mary's College*. Foi professor de Ensino Religioso e de Religião em vários centros educativos; ministrou numerosos cursos aos Irmãos jovens da Província sobre o trabalho catequético; fez conferências que provocaram o entusiasmo desses Irmãos, que em 1934, se lançaram à publicação de uma modesta revista catequético-catequística, intitulada *La Salle Catechist*, primeira revista catequético-catequística da história do Instituto.

A principal obra do Irmão *John-Joseph* foi *Religion Outlines*, publicado em 1932. Nesse livro e nos outros seus artigos, desenvolveu sua idéia fundamental: “Cristo é a prioridade, o essencial da catequese e formação cristã. Deve-se deixar de lado a árida memorização das respostas do catecismo, para fixar a mensagem central do cristianismo, que é Cristo”.

Iniciada a revista *La Salle Catechist*, os Irmãos jovens se lançaram a uma nova publicação, a partir de 1939, sob a orientação do Irmão *Alphonsus Pluth* (1913-1986). O título desse novo material era *The Gospel Units*, e consistia num conjunto de subsídios práticos para os professores de religião, baseados nas idéias do Irmão *John-Joseph*.

Em 1941 foi dado um novo passo. Todos esses trabalhos conjuntos dos Irmãos estudantes da Província levaram à criação da Comissão Catequético-catequística, cuja finalidade fundamental era o fomento e a coordenação do trabalho dos professores de religião.

No Encontro da Comissão Catequético-catequística de 1942, pediu-se ao Irmão *Alphonsus Pluth* que se desse ao trabalho de compor um livro renovado de texto de religião, para o primeiro ano do ensino superior, fruto dos esforços realizados nos últimos anos, e na inspiração do Irmão *John-Joseph*. Com a cooperação de adjuntos e de voluntários que lhe ofereciam material, aulas práticas, lições... deu início ao árduo trabalho de redação do livro de texto, que haveria de substituir o velho manual de 1911.

Em setembro de 1943 o livro estava composto. Foi-lhe dado o título de *Living with Christ*, destinado para alunos do primeiro ano (*Freshmen*) das *High Schools e Colleges*. O Irmão John Stanislas, nessa oportunidade Presidente do *Saint Mary's College*, solicitou que fosse publicado com a observação de *Saint Mary's College Press*, uma entidade nesse tempo ainda inexistente. Tinha origem, assim, a Editora dos Irmãos das Escolas Cristãs, basicamente dedicada à publicação de textos e material da religião católica.

O primeiro texto foi experimentado em diversas *High Schools e Colleges* dos Irmãos com muito bom resultado, foi revisado, e reeditado em 1946. Seguiram-se os textos para os estudantes do segundo ano (*Sophomores*), em 1947, e em 1950, para os estudantes do terceiro ano (*Juniors*) e, finalmente em 1957, o volumoso quarto volume para os alunos do último ano (*Seniors*). Aos textos foram acrescentados pequenos guias para o trabalho e material de apoio para o professor. O êxito dessas publicações nos ambientes católicos foi extraordinário.

O texto seguia a metodologia do discurso contínuo. No final de cada lição apareciam uma série de questões que visavam à reflexão e a debates na sala de aula, mas não exclusivamente à memorização. A apresentação era atraente, com abundância de ilustrações, mapas, fotografias... Quanto ao conteúdo, os livros, em seu conjunto, ofereciam um curso completo de formação religiosa, principalmente deixando bem claro o caráter cristocêntrico.

e) Austrália – Irmãos Christian Moe e Aloysius Carmody Revista “Our Apostolate” - Catechism Workbooks

O histórico da Austrália representa um exemplo digno de menção do esforço catequético e catequístico dos Irmãos das Escolas Cristãs, que aportaram na Austrália, em 1906.

Na década dos cinqüentas, os católicos australianos representavam uma minoria da população, entre 25 e 30%, dentro de uma maioria de protestantes. O compromisso dos católicos era “cada criança católica em sua escola católica”. Desta maneira, as congregações religiosas docentes fundaram um grande número de escolas, muitas vezes associadas às paróquias. A presença maciça de crianças católicas fez com que a evolução da catequese se associasse numa elevada proporção às escolas católicas e aos religiosos que as fundaram.

Os Irmãos das Escolas Cristãs não eram os mais numerosos dessas congregações dedicadas ao ensino. Contudo, apesar de seu reduzido número, realizaram uma função de liderança na catequese e no ensino religioso australiano.

A primeira contribuição foi a criação, em 1953, da Revista *Our Apostolate*, pensada inicialmente como subsídio catequístico para os Irmãos Lassalistas da Província da Austrália, que também incluía a Nova Zelândia e Papua Nova Guiné. A idéia desta publicação se deveu ao Irmão *Lawrence O’Toole*, Assistente irlandês, que, durante 20 anos (1946-1966) foi responsável pelas regiões anglófonas, perante o Irmão Superior Geral.

Inicialmente se pensou que deveria ser uma revista somente da Congregação dos Irmãos, para servir de veículo de intercâmbio de informações e de experiências em catequese e ensino do catecismo, mas, devido à falta desse tipo de publicações na igreja australiana, ela se converteu na única revista catequética e catequística do país, durante os anos de 1952 a 1975.

A revista sempre manteve uma dúplice atenção: Informar os leitores para onde caminhava o movimento catequético e do ensino religioso nesses anos, e oferecer aos leitores um material prático para ser trabalhado nas aulas de catecismo.

Durante os primeiros anos da revista, é preciso destacar os nomes dos dois diretores da publicação, os Irmãos *Christian Moe*, diretor de 1953 a 1957, e do Irmão *Aloysius Carmody*, de 1957-1964. Estes dois Irmãos, que colaboraram com uma infinidade de artigos, consolidaram a revista. Os dois deixaram a direção quando foram chamados pelos Superiores para a Europa.

A segunda grande contribuição dos Irmãos foi uma série de “Cadernos de Exercícios” para as aulas de catecismo, em inglês denominados *Catechism Workbooks*. Durante 18 anos, 1945-1963, os Irmãos publicaram esse material didático para as quatro classes de ensino primário e as três do ensino fundamental. Inspiraram-se em material criado pelos catequistas franceses.

Por fim, é preciso dizer, que os Irmãos lassalistas australianos se sentiram convocados a realizar esse trabalho catequético-catequístico, porque tinham a consciência de que eram “Apóstolos do Catecismo”, apesar de sua preparação catequística e teológica não ter sido haurida em nenhuma universidade, pelo fato de estas não terem existido na época, nesse remoto continente. Mas, já em fins de 1950, e especialmente nos anos sessentas, um bom grupo de Irmãos se deslocou para a Europa, para ali realizarem seus estudos.

2. Surgimento de Novas Instituições Teológico-Catequético-catequísticas - Encerramento do Instituto “Jesus Magister”

Ao longo do período pós-conciliar, o Instituto se enriqueceu mediante a fundação de novas Instituições destinadas à formação de catequistas. Ao mesmo tempo, o Instituto “Jesus Magister”, criado às portas do Concílio Vaticano II, a partir de 1968, entrou numa fase de crise, e acabou sendo encerrado definitivamente.

Em 1968, em Buenos Aires, os Irmãos argentinos fundaram o *Instituto Pastoral de la Adolescencia* (IPA), surgido como resposta às necessidades dos catequistas de adolescentes, que se encontravam e sentiam perturbados pelos acontecimentos. A catequística tradicional já não cativava, e foi preciso buscar uma formação coerente para responder adequadamente aos novos desafios da catequese e do ensino religioso. Foi reconhecido oficialmente pela hierarquia eclesiástica em 1972, e prossegue em seu mister até hoje.

O *Instituto Centroamericano de Ciencias Religiosas* (ICCRE) da Guatemala, fundado em 1978, é um centro de estudos religiosos superiores, destinado a Congregações Religiosas de Irmãos, Irmãs e leigos. Com um programa completo de estudos oferece formação do tipo catequético, catequístico e pastoral.

Na América Latina destaca-se também a *Escuela de Educadores de la Fe*, da Universidade La Salle de México (ULSA) e o Departamento de Ciências Religiosas, dentro da *Facultad de Ciencias de la Educación*, na Universidade Social Católica La Salle, de Bogotá.

Na Ásia, uma das obras mais queridas dos Irmãos é o centro de formação de catequistas de Kushpur. Os Irmãos fundaram esse centro em 1964, em colaboração com os bispos da região, com o objetivo de formar catequistas leigos para as seis dioceses do Paquistão. O mérito dessa obra se firma fundamentalmente na preparação de catequistas num país islâmico, onde os cristãos somam tão somente 1% (um por cento) da população total, e onde a pressão do Islã faz com que se devam viver situações difíceis.

Na África, destaca-se especialmente a colaboração proeminente dos Irmãos desde 1968, no AMECEA, Instituto de Pastoral de Gaba, no Quênia, centro de renovação catequética, catequística

e pastoral, com cursos e publicações para religiosos, sacerdotes e leigos, e o CELAF, Centro de Estudos Lassalistas da África, fundado em 1992, em Abidjan, Costa do Marfim, para a formação humana, teológica, pastoral, catequística e catequética de jovens religiosos e religiosas.

A todos esses centros superiores de formação catequética e catequística se poderia somar outras formas de pastoral, como: o Centro Catequético de Quimper, França; o movimento “Campus Ministry”, capelania escolar nos Estados Unidos; encontros de atualização catequética para Irmãos na Província de Turim; o Centro de Documentação Catequética da Província da Irlanda; animação de grupos de mães catequistas, no México; formação catecumenal de adultos, na Espanha; o labor catequético-catequístico dos Irmãos na Grécia, junto aos cristãos ortodoxos; o Centro São Cassiano, de retiros e catequese para jovens, na Inglaterra; a “Villa des Jeunes”, local de encontros, catequese e celebrações religiosas, em Quebec, Canadá...

Como fato negativo deve ser citado o encerramento definitivo do Instituto “Jesus Magister”, em 1971. Como dito acima, essa instituição de tanto apreço no Instituto, objetivava a formação de religiosos educadores leigos nos diferentes currículos para o desempenho de seu ministério. Fundado em 1957, teve uma vida bem breve. Funcionou durante alguns anos em caráter provisório, por não ter o estatuto aprovado definitivamente, o que se deu somente em 25 de junho de 1965. Mas, ironicamente, ao mesmo tempo a instituição entrou num período de crise, que levou ao encerramento definitivo, em 1971.

3. O Instituto Pontifício “San Pio X”, Pioneiro e Propulsor do Movimento Catequético-catequístico Espanhol

No período de 1962-1980, o Instituto “San Pio X” chegou a um pioneirismo especial dentro da renovação pós-conciliar da Igreja espanhola.

O real prestígio dessa instituição durante esses anos se deveu fundamentalmente à grande atividade desenvolvida para levar a bom termo o objetivo de preparar excelentes catequistas no período da renovação pós-conciliar. O Instituto “San Pio X” foi considerado instituição de vanguarda na Igreja espanhola nesses anos. Dentre suas atividades mais destacadas, além das estritamente acadêmicas, podemos lembrar: A formação permanente de educadores da fé; as conferências, palestras, encontros, jornadas, com destaque nas famosas jornadas de pastoral educativa, seminários... As publicações: Fichário catequístico, anuário catequístico, apostolado vocacional, Sínite, apontamentos de catequese para catequistas, a coleção “música e liturgia”, a coleção catequística, os livros de textos de religião...

4. Publicações Catequético-catequísticas dos Irmãos das Escolas Cristãs - Descontinuação de Revistas Catequético-catequísticas

Não foi apenas o Instituto “San Pio X” de Salamanca que publicou abundante material catequético-catequístico nos anos da renovação pós-conciliar. Todas as Editoras dos Irmãos, mundo afora, também se empenharam para oferecer algum material renovado.

Na França, a Editora LIGEL, sob a direção do Irmão *Charles-Bruno Prat*, e estimulada pela diligência criativa do Irmão *Vincent Ayel* e outros Irmãos mais jovens, de 1960 a 1968 publicou uma coleção intitulada “*Horizons de la Catechèse*”, que se pôde ufanar da colaboração de oito catequistas e teólogos de renome nesse período, como *Martimort, Gelin, Faynel, Moran*...Essa mesma Editora, destinada mais especificamente a textos escolares, continuou seus trabalhos até que,

nos anos setentas finais, entrou numa crise financeira e editorial, cerrando definitivamente as portas no início dos anos oitentas.

Os Irmãos franceses também se sentiram preocupados pela falta de formação e de renovação teológica e catequística dos Irmãos, sacerdotes, religiosos e cristãos, depois do Vaticano II. Um grupo constituído dos Irmãos *Vincent Ayel, André Fermet, Xavier Mulmann e Robert Comte*, tomaram a decisão de publicar durante os anos setentas uma série de coleções intituladas: *Foi et Langage*, com o subtítulo *Dossier pour repenser notre foi aujourd'hui*. Compreendiam, na realidade, uma catequese para adultos. Foram publicados vinte e dois números, e neles foram tratadas questões teológicas, como: Crise de fé, Deus, o pecado original, cristologia, Igreja, os ministérios, a moral..., mas numa linguagem adaptada ao homem de hoje e à sua mentalidade. O primeiro número apareceu em outubro de 1970; o último, em outubro de 1981.

O acolhimento desses *Dossiês* foi muito positiva, e alguns deles tiveram que ser reeditados.

Os Irmãos italianos tinham sido verdadeiros especialistas e modelos de catequistas para as restantes regiões do Instituto. Em 1969 faleceu o Irmão Leone di Maria, e com seu desaparecimento foi diminuindo progressivamente o labor catequético dos Irmãos italianos, o que, aliás, já se notara um pouco antes. Continuavam publicando livros, organizando conferências e cursos, realizando anualmente suas assembléias da Comissão Catequético-catequística Italiana, a Editora AyC continuava funcionando, publicava-se *Sussidi*, mas o impulso anterior foi paulatinamente decrescendo. Faltou renovação nas pessoas e nas idéias.

Nos Estados Unidos, em 1957, começava a ser publicada a série de textos de religião *Living with Christ*, pela Editora Lassalista *Saint Mary's College Press* (ver observação anterior). A coleção se destinava primordialmente aos estudantes das *High Schools e Colleges* lassalistas americanos. O êxito alcançado com essa publicação tão inovadora, nas paróquias e nas escolas, fez com que os editores comesçassem imediatamente depois da publicação do quarto volume, a tarefa da revisão dos textos, seguida inclusive de uma terceira edição, publicada já depois do Vaticano II.

A partir de 1967, a Editora *Saint Mary's* sofreu uma crise. Depois do Vaticano II, uma confusão geral e uma falta de certeza e de convicções se alastrou pelas escolas secundárias católicas. Os professores já não estavam de acordo sobre o que devia ser ensinado nas aulas de religião. Esta situação resultou num ciclo de vigência muito curto de todos esses livros. Os gastos de publicação aumentaram, enquanto as vendas escasseavam.

Em 1975, a Editora formulou uma declaração clara de princípios na qual destacou a decisão de se dedicar à missão de serviço aos educadores religiosos e aos estudantes, cuidando especificamente da publicação de textos de religião.

A partir desse momento, graças a uma administração profissional e a ajuda de algumas contribuições, começou a ressurgir, particularmente devido a duas publicações de grande êxito: *Sharing the Christian Message*, programas de educação religiosa para adultos nas paróquias, a partir de 1976, e *Making Moral Decisions. Living Our Christian Faith*, texto escolar para a educação secundária, a partir de 1979. Em 1978, a Editora mudou o nome para: *Saint Mary's Press. Christian Brothers' Publications*, que continua sendo o nome atual. É considerada a primeira Editora católica dos Estados Unidos para a produção e a venda de textos de religião para as escolas e as paróquias.

O momento crítico que se viveu na catequese e na evangelização dentro da Igreja e no Instituto, teve sua manifestação clara no desaparecimento de três das grandes revistas catequético-catequísticas criadas em diferentes regiões do Instituto durante os anos anteriores.

A primeira a desaparecer foi também a primeira criada, *La Salle Catechist*, dos Estados Unidos, em 1968. Tivera uma publicação ininterrupta durante 34 anos. A crise financeira da Editora *Saint Mary's College Press*, a necessidade de criar novos materiais e recursos adaptados à renovação pós-conciliar, denotavam vantagens e conveniência para a supressão da revista.

Em 1977, a Revista *Sussidi*, dos Irmãos italianos, deixou de ser publicada. Em nenhum dos números finais é declarada a causa do desaparecimento.

A prestigiosa revista *Catéchistes*, em outubro de 1974, chegou a seu 100º Número, após 25 anos de circulação. No editorial desse número, os Irmãos *Didier Piveteau* e *André Fermet* noticiaram o fim da revista, e o surgimento de uma nova, intitulada *Temps et Paroles*. As mudanças no mundo da catequese e do ensino religioso tinham sido tão importantes e plausíveis que não se podia manter uma revista principalmente direcionada a catequistas profissionais. Em *Temps et Paroles* se ia em busca de algo mais simples, menos denso, mas que pudesse atingir um público mais amplo.

Mas, infelizmente, a revista não passou do número 25. Foi tentado um último esforço para salvá-la com a mudança de editora e com uma nova apresentação, mas a revista, sem apoio financeiro exterior, nunca chegou ao número desejado de assinaturas para cobrir as despesas da impressão e da publicidade.

Das duas revistas que continuam, uma delas é *Sinite*, do Instituto “*San Pio X*”, da Espanha, e a outra, a revista australiana *Our Apostolate*, que, a partir de 1978, passou a se chamar *Word in Life*.

5. Os Grandes Vultos da Catequese e da Catequística Lassalista

A catequese e a catequística lassalistas destas décadas apresentam vultos de grande prestígio no mundo da instrução religiosa. Dentre estes, destaco como merecedores de consideração:

♠ Irmão Juan Rodríguez Medina – 1926-1984 – Espanha

Licenciado em Teologia pela Universidade Gregoriana, completou seus estudos catequético-catequísticos no Instituto Superior de Pastoral Catequética de Paris. Doutorado pela Universidade de Salamanca.

De volta para a Espanha após seus estudos fora, foi incorporado ao Instituto “*San Pio X*”, em Salamanca, onde lecionou durante 21 anos. Presidente do “*San Pio X*”, durante vários períodos. Professor de Teologia Pastoral e de Catequética Fundamental. Suas duas obras mais importantes foram : *Teología Pastoral de la Palabra de Dios* (1978) e *Pedagogia de la fe. Situación y contenidos de la catequética, hoy* (1971). Esta obra é um dos clássicos da catequética fundamental. Dentre seus escritos destacam-se especialmente os primeiros, nos anos sessentas. Recém-chegado das principais universidades europeias escreveu uma série de colaborações sobre Teologia Pastoral e Liturgia, que são inovadoras com referência ao que se escrevia nas revistas de catequética e de catecismo. Nutria gosto especial pela vertente prática, não tanto pela especulação intelectual: o fato cristão como realidade salvífica que deve ser experienciada e vivida pelos crentes, a liturgia viva e participada.

O Irmão Rodríguez Medina é especialmente conhecido por ter sido pioneiro na renovação litúrgica na Espanha. Ele foi o verdadeiro promotor dos esforços realizados pelo Instituto “*San Pio*

X” na renovação litúrgica; também conduziu pessoalmente a publicação de fichas, cânticos, discos religiosos e celebrações da Palavra de Deus.

♠ Irmão Jacques-Didier Piveteau – 1924-1986 – França

Além de uma intensa e extensa atividade escolar, este Irmão era diplomado em estudos superiores de inglês, fez estudos de psicologia, sociologia, e obteve a licenciatura em estudos catequéticos e catequísticos no Instituto Superior de Pastoral Catequética de Paris.

Professor do ISPC (Institut Supérieur de Pastorale Catéchétique) no curso de “Ensino Religioso”, e no ISP (Institut Supérieur de Pédagogie) nos cursos de Psicologia, Pedagogia Geral e Instituições Educativas. A este currículo se acresce uma infinidade de cursos e conferências para professores, religiosos e sacerdotes, por todos os rincões do mundo.

Foi o fundador de duas revistas, uma delas de pedagogia: *Orientations. Revue de pédagogie en milieu scolaire*. Criada em 1962, foi seu diretor até o final de suas publicações, em 1975. A partir de 1971, aceitou a direção da Revista *Catéchistes*, durante os quinze últimos números. Desde 1975 foi o responsável pela nova revista *Temps et Paroles*, até o desaparecimento desta, em 1979.

Escritor incansável de pedagogia e de ensino religioso, redigiu muitos artigos para revistas especializadas. Escreveu 13 livros, dois deles voltados ao problema do catecismo: *Resurgence of Religious Instruction* (1977), em parceria com um leigo norte-americano, *J. Dillon*, com o qual fez uma apresentação da história recente (1955), o presente e as perspectivas de futuro do ensino religioso e da catequese nos Estados Unidos, na perspectiva do protestantismo e da Igreja Católica, e *Comment ouvrir les jeunes à la foi* (1978), em que se fixa mais na realidade francesa, analisa o fenômeno juvenil e sua complexidade.

A estas duas obras se somam diversos artigos em revistas especializadas.

A partir de 1971 assumiu a direção da revista *Catéchistes* e se ocupou dos editoriais, até o desaparecimento dela, concretamente, dos números 85 a 100. Nesses editoriais, repetiu vez por outra, a necessidade da liberdade para a catequese e o ensino religiosos, questionando seriamente a linguagem deles; fez referências à necessidade de sua desclericalização e apresentou lugares e tempos apropriados. Frisou com realce que a rotina, as estruturas estanques, podem bloquear a necessária adaptação, e fazer com que se passe por cima das necessidades dos jovens. A falta de renovação provocará o desinteresse pela escola e a catequese.

A revista *Temps et Paroles* foi publicada durante cinco anos, chegando a um total de 25 números. O Irmão *Jacques-Didier Piveteau*, seu diretor, se encarregou da maioria dos editoriais e colaborou com os comentários de certos livros pedagógico-catequéticos que considerava padrões.

Com muito acerto, o Irmão *Léon Lauraire*, biógrafo do Irmão *Jacques-Didier Piveteau*, subtitulou a biografia dele como *La Passion de la Liberté*. Tanto em suas idéias pedagógicas como catequéticas criticou tudo aquilo que fosse contrário à liberdade humana, qualquer regulamento opressivo, hábitos esclerosados, sistemas petrificados, e buscou formas novas de pensar, de criar, de evoluir para o serviço dos educandos e dos catequizandos.

Seu pensamento, tanto sobre a Igreja como sobre o Instituto, foi polêmico; pôr em dúvida certas estruturas, reestruturar outras, renovar... foram temas não bem entendidos por muitos de seus próprios coIrmãos.

♣ Irmão Gabriel Moran – 1935 – Estados Unidos

Depois de atuar em diversas obras escolares do Instituto, o Irmão *Gabriel Moran* estudou Filosofia e Teologia, e conquistou o doutorado mediante sua tese, intitulada “*Contemporary Theology of Revelation and its Effects upon Catechetical Theory*”. Essa tese, muito exitosa, foi publicada em várias línguas. Devido a esse trabalho, esse Irmão alcançou grande prestígio dentro do Instituto, a ponto de ser selecionado para proferir uma conferência na segunda sessão do Capítulo Geral de 1966-1967.

Foi professor associado de Teologia e Catequese do *Master’s Program of Manhattan College of New York*. Atuou na preparação de professores de religião.

Em 1970, com apenas 35 anos de idade foi eleito Provincial de LINE (Long Island-New England). Posteriormente ensinou Educação Religiosa em diversas Universidades e Centros Teológicos: *New Theological Seminary, Fairfield University e Boston College*. A partir de 1979 foi professor associado de Educação Religiosa na Universidade de Nova Iorque.

Em 1985 abandonou o Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs.

No período de 1963-1983, escreveu um total de 12 livros, alguns deles sobre a vida comunitária na vida religiosa; outros versando problemas catequéticos, catequísticos e teológicos. Além disto, escreveu artigos para revistas em língua inglesa.

Moran foi um escritor polêmico e controvertido em seu tempo, devido à novidade de suas idéias. Sua obra é bastante complexa. Posso ressaltar algumas de suas idéias mais destacadas: “Examina minuciosamente o declínio da educação religiosa, e chega à conclusão de que a catequese está morta. A causa dessa situação é que os catequistas trabalham com um falso conceito da Revelação; são demasiadamente servís ao magistério da Igreja, e seu conceito da história da salvação é tão rígido como foi a escolástica. É preciso recuperar o elemento mais importante da educação religiosa, a Teologia da Revelação, concebida “como uma comunhão pessoal de conhecimento, uma inter-relação entre Deus e o indivíduo dentro de uma comunidade crente”. A Teologia cristã é mais ampla que o dogma, que qualquer uma das tradições de fé professa, e que a experiência humana se encontra na revelação. Desta maneira, com freqüência insiste em respeitar em cada pessoa seus ritmos pessoais de crescimento na fé, denunciando que as pressões dos pais e dos educadores são um dos maiores perigos que ameaçam a educação cristã.

Nas obras de *Moran* aparecem repetidamente dois conceitos: Em primeiro lugar, “educação ecumênica”, que consiste em “que o ensino religioso e a catequese devem preocupar-se mais com o mundo em que o homem vive, e devem tomar em consideração a amplitude das expressões humanas e religiosas”. - Em segundo lugar, “a primazia da educação dos adultos”: É preciso cortar pela raiz a catequese infantil, porque o único efeito que se consegue com ela, é infantilizar a Igreja; o cristianismo é uma religião que somente se pode compreender e aceitar sendo adulto.

♣ Irmão Flavio Pajer – 1939 – Itália

É professor de Pedagogia Religiosa em diversas Universidades Pontifícias, em Roma, e durante vários anos foi diretor da revista *Religione e Scuola*, membro da equipe européia de catequese, e do Fórum europeu de ensino religioso.

Seu pensamento e investigação convergem na busca de uma fundamentação epistemológica do ensino religioso escolar, as inovações didáticas em pedagogia religiosa, e a formação dos

professores de religião (*Ver Caderno MEL nº 6*). Seus manuais escolares de religião, muito apreciados na Itália, são de cultura religiosa, e se destinam mais especialmente aos alunos do ensino secundário das escolas públicas.

♠ Enrique García Ahumada – 1935 – Chile

Estudou em sua terra natal e na Bélgica. Doutor em Teologia com sua Tese intitulada “*Comienzo de la catequesis en América Latina*”. Professor em diversos centros escolares e universidades. Diretor durante longos anos da *Oficina Nacional de Catequesis de Chile*, diretor da *Sección de Pastoral Catequética del Instituto Teológico y Pastoral del CELAM*, em Bogotá, Colômbia.

É autor de numerosas publicações em revistas especializadas nas disciplinas catequéticas. Suas duas contribuições mais destacadas em seu país são as referentes às chamadas catequeses familiares – processo de evangelização oferecido pela comunidade cristã às famílias, para que possam crescer, por motivo da preparação dos filhos para os sacramentos da iniciação – e a catequese social – material para aproximar o povo aos diversos aspectos da moral social e econômica.

A esses nomes poderia acrescentar: Gerard Rummery, Austrália – Genaro Saez de Ugarte, Argentina – Robert Comte, França – Hermann Lombaerts, Bélgica – Jeffrey Gross, Estados Unidos – Israel José Nery, Brasil – e muitos outros ainda.

6. A Catequese e o Ensino Religioso Lassalista nas Diversas Regiões do Instituto

Neste último segmento da secção A) vou tentar projetar algo “das luzes e das sombras” da catequese e do ensino lassalistas nas variadas regiões do Instituto.

♣ Canadá

Na década dos anos sessentas, os Irmãos do Canadá iniciaram o processo do abandono gradual de suas escolas, para se integrarem no sistema educacional público. Outro “êxodo” foi a passagem da educação primária para a educação secundária. A instauração no país do sistema versátil da educação, exigia dos professores que se especializassem em uma área. Essa especialização trouxe consigo a eliminação da função do professor titular, que somente ele ministrava as aulas de religião, para a obrigação de essas aulas serem ministradas por professores com o título adequado. Desta maneira, um grupo de Irmãos abandonaram o ensino da religião.

Por que os Irmãos canadenses não optaram pela titulação adequada em catequese e ensino do catecismo? - Segundo eles próprios, devido às dificuldades que o ensino religioso apresenta, a secularização da sociedade, as pressões dos sindicatos dos professores, a preferência pelos postos administrativos ou a pouca relevância social atribuída ao ensino religioso. Os Irmãos canadenses, em vez disto, desenvolveram outro tipo de pastoral juvenil, como sejam: Campi de Jovens Cristãos, Centros de Animação e de Liderança Cristã...

♣ Estados Unidos

Se o Concílio Vaticano II teve seus efeitos sobre a Igreja Universal; se o processo de secularização das sociedades foi aumentando; e, se a crise vocacional em todas as congregações religiosas se fez sentir no período pós-conciliar, todos esses fatores tiveram um impacto mais grave ainda nos Estados Unidos. Os Irmãos das Escolas Cristãs não estiveram ao abrigo de todas essas situações.

Para a realização do 39º Capítulo Geral, os Irmãos norte-americanos vieram muito bem preparados para essa assembléia, e sua influência foi fundamental. Naquele evento, contavam com um grupo de Irmãos que eram os mais preparados, devido aos seus estudos nas universidades norte-americanas. Depois do Capítulo Geral, vários Irmãos que necessitavam de titulações para poderem lecionar nas Universidades Lassalistas dos Estados Unidos, iniciaram seus estudos de Teologia, Sagrada Escritura, Liturgia e Filosofia nos prestigiados centros de Roma, Paris, Tübingen, Lovaina e Oxford. Outros Irmãos jovens preferiram estudar nos próprios Estados Unidos. A intenção era criar um numeroso grupo de Irmãos para assumirem a liderança na renovação teológica, bíblica, catequética, catequística e litúrgica do Instituto nos Estados Unidos. Infelizmente, a maioria desses Irmãos abandonaram o Instituto nessa época, e assim se foi perdendo uma boa expectativa de renovação.

Outro fenômeno acontecido nesses anos, assim como aconteceu no Canadá, foram as exigências de especialização no campo do ensino. Muitos Irmãos abandonaram as aulas de ensino religioso, porque sentiam que outros estavam melhor preparados para responder a uma situação de mudança que, para vários deles se figurava caótica.

Nestes últimos anos houve iniciativas muito interessantes no campo da catequese e do ensino religioso, dentre as quais se ressalta o projeto *Witnesses of Hope* – Testemunhas de Esperança – para a evangelização dos jovens hispânicos nos Estados Unidos.

♣ Europa Central

Nesses anos, a secularização, o abandono, e o desinteresse dos jovens pela fé se generalizou, nos países da Europa Central. O número de Irmãos foi diminuindo, mas a idade deles aumentava. Existia um grupo de Irmãos muito competentes que tinham aproveitado os centros de formação teológica e catequética da região da Bélgica e da Holanda, e colaboravam com as dioceses e paróquias nos movimentos de renovação catequética e catequística. Alguns deles exerceram funções de liderança.

Por fim, um grupo considerável de leigos iniciaram seus estudos de Ciências Religiosas, e ensinaram esta especialidade que os Irmãos deixaram de lado. Este dado, repetido nos informes da Europa Central, será um fator chave nos próximos anos.

♣ Itália

Durante esta época, os Irmãos italianos sentiam o orgulho de ainda serem considerados os verdadeiros especialistas em catequese e ensino do catecismo no Instituto. Continuaram com sua Comissão Catequético-catequística, com a revista *Sussidi*, até 1977, e com outras revistas locais. Eram convidados pelas dioceses e paróquias para proferir conferências; compuseram livros de texto de religião; estavam presentes em organizações eclesiais da escola católica...

Ainda assim, os Irmãos, em sua maioria dedicados às escolas, sentiram a mudança de ambiência e de vivência religiosa dos anos sessentas e setentas. Os jovens se mostravam sempre mais desinteressados em religião, o ambiente da escola era mais pluralista, não mais tão monoliticamente católico, um bom número de famílias já não optava pelos centros lassalistas por motivos religiosos. Em muitas ocasiões, os Irmãos se sentiram desanimados, porque sua metodologia já não era adequada, e os conteúdos não estavam de acordo com as necessidades dos jovens.

Os Irmãos, nesses anos, promoveram o desenvolvimento de grupos de compromisso cristão, fora dos horários letivos nas escolas.

♣ Espanha

O país viveu anos muito difíceis, porque a renovação promovida pelo Concílio Vaticano II, se mesclou com a situação política dos últimos anos do franquismo, e do período de transição para a democracia.

Numericamente, o decréscimo dos Irmãos não foi tão acentuado como em outras regiões do Instituto, ainda que o processo de secularização e de abandono das práticas religiosas se tenha manifestado mais tardiamente.

Os Irmãos espanhóis, bem como os italianos, se estavam dedicando quase todos à escola cristã, com atenção prestada a atividades peri-escolares. Tanto nas escolas como nas Províncias se foram criando Comissões e Seminários de Pastoral e de Catequese, para animar e coordenar o ensino religioso dos centros educacionais e das Províncias.

O que se tornou notório foi o abandono dos tradicionais grupos juvenis de anos anteriores: Congregações Marianas, Cruzados Eucarísticos...

A renovação veio marcada por um ambicioso plano catecumenal, que surgiu nos anos oitentas, e que continua dando bons resultados nestas últimas décadas.

O Instituto “*San Pio X*” tem sido um elemento chave no desenvolvimento catequético e catequístico da região, mercê, principalmente, da organização de cursilhos de formação e de renovação para os educadores, e a elaboração dos livros de texto de religião utilizados nas aulas. Suas propostas de vanguarda, baseadas nas catequeses antropológicas e em catequeses da experiência, são levados à prática pelos Irmãos e os educadores nos centros. Os Irmãos são considerados especialistas em catequética e ensino religioso na Igreja espanhola.

♣ França

O incremento da incredulidade entre os jovens foi intenso; foi difícil encontrar uma linguagem comum com eles. Apesar desses problemas, a maioria dos Irmãos eram catequistas. Até os 12-13 anos de idade, o ensino do catecismo e catequese juvenil não era problemática, porque se situava dentro do quadro escolar. Os problemas apareciam na entrada da adolescência e da juventude. Os Irmãos franceses buscaram novas formas para interessar os jovens pela religião, como comunidades de vida cristã, grupos de oração e locais para aprofundar a fé.

O fenômeno talvez mais relevante desses anos foi o decréscimo do número de Irmãos e o aumento do número de professores leigos. Isto, além de ter conseqüências nas estruturas dos centros e na identidade dos Irmãos, representou desafios para a educação teológica, religiosa e catequética dos professores, que quase monopolizavam os postos de trabalho.

Os Irmãos da França testemunharam com pesar o desaparecimento de *Catéchistes* e de *Temps et Paroles*, revistas que, durante muitos anos estiveram à testa da renovação catequética do Instituto.

♣ Inglaterra-Irlanda

Nestes dois países o ensino religioso foi estabelecido oficialmente. Os Irmãos se dedicaram à escola e, dentro dela, às aulas de religião. Os Irmãos se aperceberam que a influência da escola na vida dos alunos era mínima, e, por isso, criaram novas experiências extra-escolares, como sejam, centros de retiro, encontros ou reuniões de jovens...

À difícil faina escolar se deve juntar o desafeição dos jovens por qualquer tipo de Igreja. Muitos Irmãos e educadores, desconhecendo a maneira de se servirem de uma metodologia adequada no ensino da religião, largaram as aulas desse ensino.

♣ **Ásia**

Ainda que a diversidade deste continente torne difícil apresentar uma visão global da situação catequética e catequística, é possível, todavia, fazer referência a algumas características gerais. Os Irmãos constituem uma minoria, atendem a uma população escolar muito numerosa e muito variada quanto às suas culturas, e especialmente, às suas religiões. Desta maneira, o diálogo e o respeito pelas culturas e as religiões são elementos predominantes. Atuando junto dos alunos católicos, a maioria dos Irmãos se dedicam ao ensino da religião e à catequese.

As Ilhas Filipinas merecem uma referência especial, porque fogem desta colocação geral, visto que a quase totalidade dos alunos são católicos. E a Birmânia, onde o governo proibiu aos Irmãos terem escolas, e, desta maneira, eles têm que dedicar-se a outras formas de apostolado, como sejam, ajudas nas paróquias, animação litúrgica, tradução de livros...

♣ **África**

Este vasto continente é apresentado como dividido em duas seções, conforme as línguas em uso: francês e inglês. Além das mudanças provocadas na Igreja pela renovação conciliar, é preciso ter em conta os processos de independência das nações africanas. A maior ou menor estabilidade ou a instauração de um ou outro regime político, influíram no labor catequético e de ensino religioso dos Irmãos.

Na quase totalidade, os Irmãos se dedicaram à escola e, no tema catequético e catequístico se manifestaram os mesmos problemas como nos países de primeiro mundo: Falta de formação, desorientação em face das novas correntes, inadequação da metodologia...

♣ **Austrália**

A evolução do labor catequético e catequístico nesse continente pode ser acompanhado graças à leitura das revistas *Our Apostolate* e *Word in Life*. Duas experiências são dignas de menção nesses anos. Em primeiro lugar, o chamado “*The Christian Community Living Movement*”, que consistia em encontros de jovens nos fins-de-semana e fora das escolas, para continuar com a formação catequística que se dava nas escolas durante a semana. Era uma resposta por parte dos professores ante a falta de interesse dos alunos do nível secundário ao ensino formal de religião ministrado na escola. Nos fins-de-semana, organizavam-se palestras, grupos de debates, oportunidades de lazer, liturgia... Esta iniciativa teve tão bons resultados que foi oferecida também para os pais dos alunos.

E a segunda experiência foi o material preparado pelos Irmãos para as aulas de religião, os *Catechism Workbooks* – Cadernos de exercícios – que obtiveram tão bons resultados que foram adotados também fora das escolas católicas.

Na escola católica tradicional a quase totalidade dos Irmãos se dedicavam ao ensino religioso. Um grupo de Irmãos se formou em universidades européias devido à ausência de escolas e centros especializados em seus respectivos países. Por último, merece destaque o labor missionário e apostólico dos Irmãos em Papua Nova Guiné, desde 1946.

♣ **América Latina**

Nas décadas de 1960 e 1970, uma série de acontecimentos vividos na Igreja Universal, e na Igreja Latino-americana, fizeram com que a catequese nesses países tivesse um realce todo especial. Tudo partiu do Concílio Vaticano II (1962-1965), a Semana Internacional de Catequese de Medellín

(1968), e a Segunda Conferência do Episcopado Latino-americano (CELAM), de 1968, em Medellín. Esta última foi um acontecimento-chave para a renovação da catequese na América Latina. A contribuição mais valiosa foi o aspecto antropológico da catequese: A mensagem evangélica é anunciada a um homem concreto que vive uma situação específica. No documento são acentuados os seguintes aspectos: Amor ao homem latino-americano, importância do aspecto comunitário – comunidades eclesiais de base – diligência evangelizadora da catequese e o relevo histórico-libertador da fé, com um interesse sincero pela promoção integral do homem.

Toda esta abrangente influência do pensamento de Medellín, a que se soma o 39º Capítulo Geral de 1966-67, recém-concluído, com seus magníficos documentos da Regra e da Declaração “O Irmão das Escolas Cristãs no Mundo de Hoje”, fizeram com que os Irmãos Provinciais latino-americanos se pusessem a trabalhar em documentos sobre a catequese e o ensino religioso lassalista na América Latina nas novas circunstâncias e situações. Foram escritos dois: A Carta Catequética de Araruama (1970), e a Carta Catequética aos Irmãos da América Latina, de *San Miguel*, Buenos Aires, de 1974.

Em 1976, os Irmãos latino-americanos informaram sobre a realidade que se vivia nas suas nações: Percebia-se a decadência de todos os movimentos tradicionais apostólicos, mas não se haviam descoberto novas formas de catequese e de grupos de jovens; os Irmãos da América Latina estavam muito preocupados pelo catequético-pastoral, criticava-se a substituição da aula de catecismo por reuniões de grupos em que se tratava de temas do tipo sociopolítico. Avaliavam-se os esforços de renovação empreendidos no ensino religioso por alguns Irmãos e pela coordenação da ação catequética nas Províncias.

Depois do 40º Capítulo Geral de 1970 se enviou um informe à Comissão Internacional da Catequese sobre a situação catequética na América Latina, com os seguintes destaques: O compromisso majoritário dos Irmãos na catequese, mas com uma preparação insuficiente; a existência de centros de formação catequética; foram redigidos bons documentos, mas falta-lhes vida; pouco contato com a realidade do povo pelo trabalho cansativo nos colégios; alguns Irmãos participam na Igreja latino-americana e sua opção preferencial pelos pobres.

Nos últimos anos, as iniciativas pastorais no “continente católico” são abundantes: Rádio *San Gabriel*, na Bolívia – Voluntariado Lassalista em *El Salto*, México – Catequese Familiar, Chile – Movimento Catequético, Brasil – Material de Catequese e Livros de Religião, Argentina e Equador...

♣ **Grécia, Turquia e Oriente Próximo**

A presença lassalista diminuta dentro de uma Igreja Católica minoritária, esta é a realidade nesses países. Em muitas ocasiões a pregação do Evangelho foi e é difícil. A maioria das obras surgiram para o serviço aos católicos, especialmente aos de origem francesa, que viviam nesses países. As leis dessas nações e a própria inculturação das obras fez com que os não-católicos começassem a entrar em grande número nos colégios. O diálogo ecumênico e inter-religioso se tornavam necessários.

B) CATEQUESE E ESCOLA CRISTÃ LASSALISTA NOS ÚLTIMOS ANOS – 1981-2000

1. Linhas e Tendências da Catequese e a Escola Católica nos Últimos Anos

Servindo-me dos documentos que a Igreja elaborou nestes últimos anos, irei estudar as linhas e as tendências da catequese nas décadas dos anos oitentas e noventas. Servir-me-ei dos dois mais representativos:

1. O Catecismo da Igreja Católica (1992), que representa a preocupação sentida pela hierarquia e um grupo de cristãos, nos últimos anos, pela importância de acentuar as “verdades da fé” por cima dos problemas de aceção da mensagem e da eficácia comunicativa.

2. Do Diretório Geral para a Catequese (1997), com um caráter mais estimulante e positivo, que consagra as principais conquistas da renovação catequética pós-conciliar, e constitui um verdadeiro impulso para a catequese evangelizadora do futuro.

Completarei essa visão com os três elementos da Congregação para a Educação Católica sobre os aspectos da escola católica: “O Leigo Católico Testemunha da fé na Escola Católica (1982), e “A Dimensão Religiosa da Educação na Escola Católica (1988) e “A Escola Católica nos Umbrais do Terceiro Milênio” (1997). A inclusão da Catequética nesta panorâmica se justifica, porque a Instituto Lassalista a adotou como meio prioritário e privilegiado para seu apostolado na escola.

1.1. A Preocupação pela Integridade do Conteúdo – O Catecismo da Igreja Católica (1992)

Durante o Concílio e no período pós-conciliar se desenvolveu a denominada catequese antropológica. Nessa fase, a atenção é centrada no homem, sua vida e seus problemas. O homem como ponto de partida, veículo e conteúdo da catequese. A catequese é a ação mediante a qual um grupo humano interpreta sua situação, a vive e a expressa à luz do Evangelho.

No início dos anos oitentas, a Igreja, com preocupação, detectou alguns dos riscos dessa catequese: o antropocentrismo, que poderia conduzir ao horizontalismo³ sem diálogo entre a experiência humana e a proposta da fé; a dificuldade para apresentar uma visão profundamente arraigada e íntegra da mensagem cristã; o perigo do uso instrumental da Bíblia, esquecendo o dogma e a tradição; o olvido do catecismo como momento e instrumento do conhecimento da fé. Ao mesmo tempo, os grupos mais tradicionalistas e conservadores criticaram com dureza os novos catecismos e subsídios que, segundo eles, tinham provocado confusão e crise na transmissão da fé. Para esses grupos, a solução seria o regresso à catequese entendida como “conhecer” a fé, a volta aos catecismos de perguntas e de respostas.

Como resposta, a Igreja iniciou um processo que culminou com a publicação do *Catecismo da Igreja Católica*, processo que alguns consideraram muito urgente, devido à “falta de controle” que se tinha produzido na Igreja desde o final do Concílio, e, para outros, um exemplo a mais da movimentação regressiva da Igreja iniciada desde que João Paulo II assumira seu Pontificado. Para estes últimos, a volta aos catecismos tradicionais, de certa maneira era pôr no índice, assinar como perigoso, todo o movimento catequético realizado, e viam como não necessária a volta do catecismo.

³ Horizontalismo: Tendência de cultuar Deus apenas pelo amor e pelo serviço prestado ao próximo.

Em 10 de junho de 1986, o Papa nomeou uma comissão pontifícia para presidir a elaboração do livro. Iniciou-se, assim, ao longo de seis anos, uma atividade coordenada, de vastíssima colaboração, que culminou com a aprovação definitiva do *Catecismo da Igreja Católica*, no dia 25 de junho de 1992. A publicação do catecismo despertou muita expectativa, e o número de exemplares vendidos nas mais variadas línguas foi muito elevado. Ao mesmo tempo, os redatores dos textos e os especialistas publicaram uma infinidade de artigos em revistas especializadas, e se organizaram numerosos debates e assembléias. As opiniões sobre o catecismo foram muito variadas, com predomínio das críticas sobre os elogios e aprovação.

Dentre as críticas podem ser citadas: A estrutura discutível do Catecismo: Credo, Sacramentos, Moral, Oração . – A separação entre sacramentos e oração. – A Teologia Nocional, Neoescolástica, sem atualização. – A abundância de citações bíblicas, mas com uma exegese deficiente. – A ausência da pedagogia proposta em *Gaudium et Spes*: ver, julgar, agir. – A impressão de estar afastada das necessidades atuais do homem e da mulher. – A ausência do método histórico-crítico na hora de tratar os textos bíblicos. – A todas essas críticas poder-se-ia acrescentar uma inacreditável inexatidão nas citações de alguns textos e referências.

1.2. O Diretório Geral para a Catequese – 1997

Em 18 de setembro de 1997 foi apresentada a edição renovada do Diretório Geral para a Catequese, da Congregação do Clero. A partir do primeiro Diretório, de 1971, muitas coisas haviam acontecido no mundo catequístico, e se tornara urgente uma revisão. Durante esses vinte e seis anos muitos fatos se deram, e tantas modificações foram publicadas, de modo que a face da catequese se havia bastante alterado.

Depois do Diretório de 1971, apareceram: O Ritual de Iniciação Cristã de Adultos (1972), as duas Assembléias Sinodais, de 1974 e 1977, e as respectivas Exortações Apostólicas, “*Evangelii Nuntiandi*”(1975), e “*Catechesi Tradendæ*”(1979). Quando João Paulo II assumiu o pontificado, a maioria das Cartas, Discursos e Ensinamentos do Papa tiveram valor catequético. Neste sentido destaca-se especialmente “*Redemptoris Missio*” (1990), pela reafirmação da validade permanente do mandato missionário. - Em 1992, se acresce o “Catecismo da Igreja Católica”, que também representa um momento assinalado na história da catequese recente, e, o Diretório, evidentemente tinha que incluí-lo. Por último, todas as contribuições dos grandes estudiosos e catequistas dos últimos anos, os documentos das diferentes congregações romanas e das Igrejas locais.

A tarefa da redação começou em 1994 e se prolongou por mais três anos, sendo aprovado pelo Papa em 15 de agosto de 1997. Foi publicado em oito línguas.

Diferentemente do Catecismo da Igreja Católica, o recebimento do Diretório foi muito positivo por todos os estudiosos e catequistas. Dentre os pontos mais assinalados dos comentaristas podem citar-se os seguintes:

- A catequese como um momento essencial da evangelização. A catequese como “anúncio significativo da Palavra” e relato expressivo que dá sentido à vida.
- O catecumenato batismal é o modelo inspirador da catequese. Necessidade das três formas de catequese: catecumenato, iniciação cristã das crianças e dos jovens, e os itinerários da reiniciação. Dentre estas, a primeira é a tarefa primordial.
- A catequese como formação integral. Não somente conhecimentos, mas também atitudes e comportamentos, oração e sacramentos, compromisso social e espírito apostólico.

- Revalorização da tradição. A história da comunidade cristã, o testemunho dos santos, as diferentes espiritualidades, as diversas tradições teológicas, litúrgicas e artísticas, são uma fonte de criatividade e de sentido.
- Valoriza-se o caráter de generalidade do “catecismo”. O Catecismo da Igreja Católica como ponto de referência dos catecismos locais.
- Prioridade da catequese dos adultos.
- A catequese como fator de inculturação. Necessidade de que a fé e a mensagem cristã se encarnem e expressem no contexto concreto dos diversos lugares e culturas.
- Papel importante das Igrejas particulares, especialmente na organização de formação de catequistas.

Qualifica a escola católica como “O” espaço proeminente para a formação humana e cristã. Quanto à catequese, podem dar-se duas situações: Primeira situação: Alunos, filhos de famílias que optam pela escola católica por ser católica, e, conseqüentemente concordam perfeitamente que o Ministério do Palavra se realize em suas variadas formas através do ensino religioso escolar e a catequese. – Segunda situação: Os pais dos alunos optam pela escola católica por sua qualidade educativa. Neste caso a catequese ou deverá ser omitida ou limitada, e o ensino religioso deverá destacar mais o caráter cultural da religião.

Devido à pluralidade de situações e de contextos, o Diretório Geral para a catequese determina que os bispos e as Conferências Episcopais estabeleçam a modalidade da catequese e do ensino religioso que convenham ser realizados nas escolas católicas.⁴

1.3. Os Documentos da Congregação para a Educação Católica

Durante o período pós-conciliar, a Congregação para a Educação Católica publicou uma série de documentos que tiveram sua influência no Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs, e cujo conhecimento é de todo conveniente:

♣ *O Leigo Católico, Testemunha da Fé na Escola – 1982*

A Congregação para a Educação Católica decidiu dar a lume um documento sobre o leigo na escola católica, devido à reconhecida importância que o Concílio Vaticano II atribuiu ao laicato, às enormes possibilidades de evangelização que os leigos têm com sua presença nas escolas, colaborando com os religiosos e os sacerdotes. É também preciso reconhecer, que o documento surgiu, devido à situação vivida em muitas escolas católicas, onde os efetivos religiosos estão baixando tanto, que é preciso dar lugar a um crescente número de professores leigos.

O documento dedica quatro pontos para tratar especificamente o tema do educador cristão como “professor de religião”. A aula de religião, assim como a catequese, constituem formas de apostolado laical, e, devido às circunstâncias, o documento assinala que os leigos, tornando-se maioria, terão que compartilhar e assumir esse apostolado. O texto expressa com veemência que eles devem transmitir o ensino de Jesus Cristo, sendo fiéis ao magistério, evitando,

⁴ No Brasil, somos convidados a ater-nos a princípios que fundamentam e a leis que orientam nossa ação educativa, e ainda a valorizar pesquisas e estudos que esclarecem a compreensão e a elaboração de um plano de ação. Art. 33: “o referencial básico para o ensino religioso é caracterizado como” disciplina dos horários normais e parte integrante da formação básica do cidadão, com a exigência de ser dado com respeito à diversidade cultural religiosa, sendo-lhe vedadas quaisquer formas de proselitismo”. – A educação religiosa é considerada como área de conhecimento. O Ensino religioso é uma disciplina escolar. – O Objetivo geral é a “Educação da dimensão religiosa do ser humano como parte essencial e propulsora de seu pleno desenvolvimento”. – Na escola se faz Ensino Religioso. A Catequese é especificamente função paroquial. – Ver “nº 68, de *Dimensão Religiosa da Educação na Escola Católica*, mais adiante, pág. 26.

portanto, "tumultuar as mentes das crianças e dos jovens... com teorias estranhas". Para realizarem com competência seu trabalho, necessitam de uma formação pedagógica, teológica e catequética.

♣ *Dimensão Religiosa da Educação na Escola Católica – 1988*

O documento abrange cinco seções: Os jovens de hoje ante a dimensão religiosa da vida (mundo em mudança, situação dos jovens). – Dimensão religiosa do ambiente (ambiente educativo cristão, físico, eclesial, comunidade aberta). – Dimensão religiosa da vida e trabalhos escolares (da vida, da cultura escolar). – Ensino religioso escolar e dimensão religiosa da educação (pressupostos, apresentação orgânica do fato e da mensagem cristã, da vida cristã, o professor de religião. – Dimensão religiosa do processo educativo (processo educativo, projeto educativo).

Possivelmente, a quarta e a quinta seções tenham sido aquelas que despertaram maior interesse e curiosidade, motivando mais polêmicas e controvérsias, por tratarem do ensino religioso escolar e da dimensão religiosa do processo educativo. Dentre as idéias mais importantes da quarta seção se situam: o ensino religioso escolar deve estar presente na escola cristã; harmonizar "a estrutura civil", característica comum a qualquer instituição escolar, e a comunidade cristã, que tem em sua base um projeto educativo cristão; nexos indissolúvel e distinção clara entre ensino religioso e catequese; caráter específico do ensino religioso escolar; apresentação do caráter de desenvolvimento natural do fato e da mensagem cristã; apresentação do desenvolvimento natural da vida cristã e do professor de religião.

A unidade de texto que mais problemas provocou foi a de número 68, que diz o seguinte: " Existe um nexo indissolúvel e uma distinção clara entre ensino da religião e catequese, que é a transmissão da mensagem, uma etapa da evangelização. O nexo se justifica para que a escola se mantenha em seu nível de escola, orientada para dar uma cultura completa e integrável na mensagem cristã. A distinção se baseia no fato de que a catequese, diferentemente do ensino religioso escolar, pressupõe, antes de tudo a aceitação vital da mensagem como realidade salvífica. Além do mais, o espaço específico da catequese é uma comunidade que vive a fé num espaço mais vasto, e por um período mais longo que o escolar, isto é, toda a vida".

A primeira parte não apresentava nenhum problema para o Instituto, uma vez que já havia bastante tempo, tanto no Instituto como na Igreja, se tinha assimilado a distinção entre ensino da religião e catequese. Na segunda parte, "a escola se mantenha em seu nível" e "o espaço específico da catequese é uma comunidade que vive a fé num espaço mais vasto e por um período mais longo que o escolar, isto é, toda a vida", era apresentada uma declaração clara de que o lugar exclusivo da catequese é a paróquia. O texto não acarretou grandes dificuldades em locais do Instituto onde a ação catequística se limitava às aulas de ensino religioso, mas provocou um sério problema, em outros locais, onde se haviam iniciado processos catecumenais, criação de comunidades cristãs nas escolas, onde se administravam os sacramentos, onde se dava catequese no horário escolar. Caso típico e modelo desta situação foi a Espanha, onde, desde os inícios dos anos oitentas se executava um plano de pastoral completo de inspiração catecumenal.

O Papa João Paulo II tinha iniciado um plano de revitalização das paróquias, considerando-as como o espaço privilegiado da catequese, mas não devendo monopolizar nem uniformar, mas antes multiplicar e adaptar os lugares da catequese na medida do possível e do útil, citando várias vezes a escola como um desses lugares.

Esse fortalecimento das paróquias, em muitas ocasiões, levou à redução ou à anulação de outras comunidades eclesiais. Em várias paróquias e inclusive dioceses espanholas, a catequese e a preparação para os sacramentos, em muitos centros lassalistas foram proibidas.

♣ *A Escola Católica no Limiar do Terceiro Milênio – 1997*

O último documento da Congregação para a Educação Católica sobre a escola católica, publicado recentemente, é “*A Escola Católica no Limiar do Terceiro Milênio* (1997), com apenas 13 páginas, escrito por motivo da preparação imediata do grande jubileu do ano 2000, do trigésimo aniversário de fundação da Comissão para as Escolas, e o vigésimo aniversário do documento “*A Escola Católica*”. Esse texto se reduz a recopiar as características fundamentais da escola católica, sem contribuir com muitas idéias novas.

2. A Reflexão Catequética do Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs no Anos 80 e 90

Em 1980 começou um período de maior tranquilidade no Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs. A fase difícil do pós-concílio tinha passado, e se foi encontrando maior clareza naqueles aspectos que haviam provocado muita polêmica durante os últimos anos. Porém, a tendência do Instituto continuou sendo a perda paulatina e constante de mais membros, e a sempre crescente presença de professores leigos nos centros escolares.

No que tange à situação catequética, os sucessivos encontros e documentos que, tanto na Igreja como no Instituto, se tinham elaborado durante a década dos setentas, já haviam esclarecido a maior parte dos aspectos da renovação catequética: objetivos, processos para o crescimento da fé, conteúdos, métodos... mas, ao mesmo tempo, a situação se tornou de mais em mais complexa: os destinatários se tornaram cada vez mais plurais quanto à cultura e à religião, e mais influenciáveis pelos meios de comunicação social, manifestam-se católicos, mas não praticantes; existe uma distância maior entre a catequese diocesana e a catequese escolar; a catequese e as aulas de religião nos cursos superiores se tornam cada vez mais difíceis...

O tema catequese é uma constante preocupação no Instituto. Os problemas são variados, e é preciso dar uma resposta. Nas últimas décadas, os encontros, assembléias, congressos, colóquios... se multiplicaram por toda a geografia do Instituto. Surgiram grandes quantidades de documentos locais, provinciais, regionais, e do Instituto. Seria longo demais referir toda essa documentação catequística, para as pretensões deste trabalho. Limito-me a uma relação das principais assembléias e documentos ao nível do centro do Instituto.

No ano de 1981 se realizou, como ordenava o *Livro de Governo*, a reunião intercapitular dos Irmãos Provinciais, a meio-caminho entre dois Capítulos Gerais. Dentre os temas mais salientes dessa assembléia podem citar-se: Atitude pastoral no ministério, convocação em favor dos pobres, abertura ao laicato e às Igrejas jovens, a crise vocacional e a busca de soluções para esta.

Nos últimos anos do generalato do Irmão José Pablo Basterrechea, os Provinciais de diversas partes do mundo tiveram a oportunidade de se reunirem em Roma, para informar o Irmão Superior e seu Conselho acerca da situação das diferentes regiões do Instituto, e, de maneira especial, sobre a situação pastoral. Desde a primeira reunião, em janeiro de 1983, com os Provinciais da Europa Central, até a última com os da França, em 1985, os encontros se foram sucedendo, e assim nos é dado acompanhar a situação do Instituto, mercê da documentação disponível.

Em 1986, o evento capital foi o 41º Capítulo Geral, realizado em Roma, de 7 de abril a 3 de junho. Com toda certeza, esse Capítulo será sempre recordado pelo estudo e a aprovação da Regra definitiva dos Irmãos.

À Regra foram acrescentadas duas mensagens: Uma para todos os Irmãos do Instituto, e a outra aos Membros da Família Lassalista.

O 42º Capítulo Geral foi realizado em 1993. Dentre as insistências mais frisadas pode citar-se o convite, pela primeira vez na história do Instituto, da participação de consultores não-Irmãos num Capítulo Geral, prova palpável da importância atribuída à família lassalista. A partir desse evento, se difundiu a locução “missão partilhada”. – Um segundo elemento de destaque foi a reafirmação da opção preferencial do Instituto para o serviço educativo a pobres, cuja proposição mais chamativa fora denominada “Cem mais”, em que se pedia às Regiões e às Províncias que liberassem 100 Irmãos, ou um certo número de colaboradores lassalistas leigos, para formá-los e enviá-los a obras destinadas aos mais pobres.

Uma das decisões que teve influência sobre o tema que nos ocupa, tomadas nesse Capítulo Geral, foi a proposição de número 2, com este teor: “O Capítulo Geral solicita ao Irmão Superior Geral e a seu Conselho, que nomeiem um grupo de peritos na área da educação para que atuem como “observadores” das grandes preocupações que, no tema da educação, se dão em todo o mundo, e permitam ao Centro do Instituto a desenvolver uma política oportuna”.

Ao longo do período intercapitular foi organizada uma série de Colóquios, que tratavam, como a proposição pedia, das “grandes preocupações que, no tema da educação, foram observadas em todo o mundo”. Um por ano, os temas dos colóquios foram os seguintes: “As Famílias de Hoje e a Missão do Instituto”, em Roma, 1994. – “A Globalização num Mundo Diferenciado e a Educação Lassalista”, em Colombo, 1995. – “As Megalópoles como Fenômeno Social e a Educação Lassalista”, no México, 1996. – “As Novas Tecnologias do Saber, Desafios para a Escola Lassalista, em Barcelona, 1997. – “Comunicar a Fé Hoje”, em Roma, 1998. Evidentemente, este último é aquele que mais me interessa neste estudo.

3. Presente e Futuro da Catequese Lassalista – Dez Desafios em face do Futuro

A leitura, estudo e classificação da abundante documentação que durante estes últimos anos foi elaborada no Instituto, neste item me leva a formular e justificar aquilo que, para mim são os dez elementos essenciais da catequismo lassalista.

O Instituto nasceu atento às necessidades dos meninos e dos jovens, especialmente os mais pobres, e isto continua sendo a prioridade fundamental. Todos aqueles que atuam nesta obra em favor das crianças e dos jovens, se incorporam na missão da Igreja, e são verdadeiros “embaixadores e ministros de Jesus Cristo”. O educador lassalista, ao exercer seu ministério de educação cristã, conjuga o progresso cultural e o anúncio do Evangelho, é professor e catequista. Mas, na escola cristã lassalista o catequismo ocupa o lugar principal, que continua sendo considerada nossa principal função. Para exercer sua missão educadora e evangelizadora, o Instituto considera a escola como o meio preferencial, e reafirma que a escola cristã lassalista é um meio privilegiado de evangelização. Esta evangelização, dentro da escola cristã lassalista, só será possível com a presença de professores cristãos e a criação de comunidades de fé na escola. Todas as escolas cristãs lassalistas devem ter um projeto educativo cristão, em que não podem estar ausentes o ambiente e os valores cristãos, o ensino religioso escolar e a catequização explícita. A escola cristã lassalista está a serviço da Igreja e, portanto, integrada em sua Pastoral local e diocesana. Essa mesma Igreja afirma que, para realizar uma boa evangelização em nossas sociedades tão pluralistas, são necessários a inculturação e o diálogo com outras confissões cristãs e outras religiões. E, por último, para poder realizar com competência tudo quanto foi exposto, se necessita da sempre importante formação de todos os educadores cristãos.

1. As Necessidades das Crianças e dos Jovens, Objetivo Fundamental

O superior Geral *John Johnston*, em um dos seus últimos discursos públicos, em março de 2000, à frente dos diretores das escolas lassalistas da Europa, fez notar claramente qual é o finalidade fundamental da escola católica: “É despertar nos jovens o sentido e a esperança num mundo, onde a religião amiúde é considerada irracional, um resquício do passado, e que nada tem a ver com as perguntas fundamentais do homem”.⁵

Esta mensagem está na linha do início da Regra de 1987: “Atento, pela ação de Deus, ao abandono humano e espiritual dos filhos dos artesãos e dos pobres, São João Batista de La Salle se consagrou à formação de professores inteiramente dedicados à instrução e à educação cristã”. ... Portanto, o Instituto sente-se especialmente chamado ao serviço dos jovens, seu principal foco de atenção. A juventude tem necessidade de líderes espirituais, e estes devem ser os Irmãos e os educadores lassalistas.

“Temos que responder à sua busca de significado. Devemos ser capazes de permanecer a seu lado, como irmãos maiores, em sua luta contra as incertezas, seu medo e sua frustração. Devemos colaborar com eles na busca de estruturas que lhes permitam seguir seus ideais e canalizar suas energias. (...) Esta é, precisamente, a missão para a qual Deus, em seu desvelo amoroso pela juventude, nos convoca”.⁶

O Irmão e o educador lassalistas, em primeiro lugar, devem ser testemunhas; e, em segundo lugar, devem ter a consciência de que são chamados a falar de Jesus Cristo aos jovens. Em suma, o Irmão deve ser “salvação” para os jovens, entendida “não apenas como libertação do pecado e da morte, com direito ao prêmio da felicidade eterna, mas também como libertação de tudo quanto lhes impeça desenvolver suas qualidades como as pessoas humanas que Deus quer que sejam”.

2. O Ministério da Educação Cristã

O Concílio Vaticano II, ao definir a Igreja como mistério de comunhão, revaloriza a posição de todos e de cada um dos fiéis na comunidade. Chama a Igreja Sacramento de Salvação, e com isto dignifica o conjunto de todos que formamos a Igreja. No Decreto Conciliar sobre o Apostolado dos Leigos, lemos:

“Existe na Igreja diversidade de serviços, mas unidade de missão. Aos apóstolos e a seus sucessores foi por Cristo conferido o *múnus* de, em nome e com o poder dEle, ensinar, santificar e reger. Os leigos, por sua vez, participantes do *múnus* sacerdotal, profético e régio de Jesus Cristo, compartilham a missão de todo o povo de Deus na Igreja e no mundo”.⁷

Esses ministérios ou serviços confiados aos leigos se enraízam no batismo e na confirmação, sacramentos que conferem plena responsabilidade eclesial. Apesar de os católicos contarem com esses belos documentos, parece que o tema dos ministérios e serviços dos leigos não se aprimorou nem amadureceu, e ainda continua questão aberta na Igreja.

No período que nos ocupa, a Regra de 1987 é o texto que mais repetidamente faz referência ao ministério. O artigo 3 declara: “O fim deste Instituto é proporcionar educação humana e cristã aos jovens, especialmente aos pobres, segundo o ministério que a Igreja lhe confia”. – A Igreja reconhece nosso carisma e confia ao Instituto o ministério da educação cristã.

⁵ Irmão John Johnston, “Encontro ASSEDIL”, 10 de março de 2000 (texto não publicado).

⁶ Circular 422, 41º Capítulo Geral: Proposições e mensagens, 40.

⁷ Apostolicam Actuositatem, 2.

A consciência que o Irmão deve ter de “ser ministro de Deus” é repisado em várias ocasiões: “Fiéis ao chamado do Espírito Santo e ao carisma de seu Fundador, os Irmãos se consagram a Deus para, associados, exercerem o ministério apostólico da educação” (R 2). “Os Irmãos consideram seu trabalho como um ministério...”(R 13). “ Os Irmãos vivem sua fé como dom para o ministério da educação cristã...” (R 20). “O Irmão, livre e irrevogavelmente empenha toda a sua existência no Evangelho, para seguir Jesus Cristo. Para isto, consagra-se inteiramente à Santíssima Trindade a fim de procurar a glória dessa Trindade, no ministério da educação cristã” (R 22).

Pode esse título de ministros ser aplicado aos leigos que colaboram conosco nas nossas escolas? – Num número tão elevado de professores leigos que atuam em nossas escolas, a variedade de pertenças e de vivências religiosas é muito diversa, como *Robert Carlier*, por exemplo, fornece na representação gráfica do Relatório, apresentado no Encontro EUROCELAS 2000: “O conjunto do pessoal do ensino católico da Bélgica de língua francesa se reparte num 5% de católicos praticantes, um pouco mais de 10% de crentes, e um pouco menos de 80% de não-cristãos”⁸

Por outro lado, há professores que entendem seu trabalho como uma “profissão”, e há outros ainda que o entendem como um simples “algo mais”, quem sabe, apenas um bico, um emprego subsidiário pouco rendoso.... Convém reconhecer, portanto, que muitos leigos e Irmãos que atuam nos Centros La Salle, não entendem seu labor como um ministério...Todavia, há também um grupo significativo de Irmãos e de leigos que exercem conscientemente o ministério da educação cristã.

A Regra aplica aos Irmãos a obrigação de promover os ministérios nos adultos que trabalham com eles: “Desde sua fundação, os Irmãos contribuíram para a promoção do laicato, especialmente dos educadores que desejam viver sua função como ministério apostólico” (R 17).

3. Professores –Educadores e Catequistas. Unidade de Funções

Relembrando um dos aspectos da tradição do Instituto e a Regra, nestes anos, nos acorre à memória que nossas duas funções, não podem ser separadas. O Irmão, o educador lassalista, é professor e catequista, as duas funções no ministério da educação cristã.

Embora esta realidade esteja tão clara e tão presente na tradição histórica do Instituto, nestes últimos anos se deu um fenômeno interessante e, em muitos casos, incompreensível. Este fenômeno é assim descrito no documento “Escola Cristã e Catequese”: “Temos que assinalar a profissionalização promovida em torno dos anos sessentas, mesmo que tenha causado um efeito positivo de especialização em catequese de um número bastante elevado de Irmãos, também provocou o efeito negativo do abandono das tarefas catequísticas por parte de muitos outros, com a desculpa de não estarem preparados para elas, ou de que “a sua” era a matéria em que se haviam especializado. Desta maneira, e num tom bastante irônico, mas com uma enorme confusão de planos, em certas ocasiões, chegou-se a falar “entre nós”, de “Irmãos de Escola”, e de “Irmãos da Pastoral”.⁹

A insistência dos Superiores Gerais para melhorar a qualidade e o compromisso de nosso labor catequístico, provocou em alguns Irmãos um protesto injustificado, de que o Instituto tinha esquecido seu trabalho na escola e o ensino das matérias profanas, o que certamente não era verdade. Ao mesmo tempo, a presença minoritária de alguns Irmãos em obras apostólicas fora do tradicional campo da escola, aumentou o mal-estar entre os Irmãos, que julgavam que se estava abandonando nossa tradição. Esta situação nos foi descrita pelo Irmão José Pablo Basterrechea, na

⁸ R. CARLIER, “Perspectivas para construir a Associação”, em A. BOTANA (ed.) Colóquio EUROCELAS 2000, Associados para a Missão, CVS, Valladolid 2000, 131.

⁹ Irmãos das Escolas Cristãs, Escola Cristã e Catequese, 12.

carta pastoral de 1985: “A Carta Pastoral do Natal de 1979 trazia algumas reflexões simples sobre nossa missão. No *feedback* que seguiu a publicação, se percebia de vez em quando o receio de alguns Irmãos, que julgavam divisar certo esquecimento de nosso trabalho na escola, ou uma estima menor por ele, quando se prodigalizavam tantos exemplos de novas formas de apostolado e de outras iniciativas que pareciam desviar os Irmãos de sua entrega total à escola. Sem dúvida, eles não percebiam que o abrir-se a novas possibilidades educativas não pode ser considerado como evasão da escola, mas bem antes, como adequação dela, enquanto fator educativo, a novas necessidades e situações em mudança”.

Em síntese, nestes últimos anos em que se tem reafirmado o ensino tradicional do Fundador, é indispensável que o ensino profano e a educação da fé andem par e par. Nem escola sem catecismo, nem catecismo sem escola.

4. Importância Capital da Catequese na Escola Lassalista

Se o Fundador expressava com clareza a importância do ensino do catecismo para o Irmão, a Regra de 1987, como antes já fizera a Declaração “O Irmão das Escolas Cristãs no Mundo de Hoje”, reafirma essa importância:

“Os Irmãos consideram como “sua principal função” o trabalho de evangelização e de catequese, através do qual contribuem ao crescimento da fé dos batizados e à edificação da comunidade eclesial. Essa convicção determina tanto sua formação quanto a escolha das tarefas de que serão incumbidos” (R 15).

Na Reunião Intercapitular de 1981 já se dizia muito claramente “que muitos Irmãos se limitavam a cumprir suas atividades profissionais, esquecendo-se das atividades pastorais, e isto não é suficiente”. E continua : “O Irmão, nunca estará satisfeito se não transmitir a Boa-Nova , visto que uma vez, quando deixou tudo, foi com o desejo e a decisão de anunciar o Evangelho”.

Se o Irmão José Pablo instava com frequência sobre a importância do ensino religioso, se os Capítulos e as Assembléias reafirmavam essa idéia com tanta insistência, foi o Irmão *John Johnston* que, durante os 14 anos de seu generalato, a repetia sem cessar. À pergunta dos Irmãos, preocupados com qual devia ser o trabalho apostólico a que se deveriam dedicar preferentemente em face da escassez de vocações e de Irmãos, o Superior Geral respondeu: “Não somos exclusivamente catequistas ou ministros da juventude. Acredito que devemos continuar ocupando postos de autoridade, e ensinando qualquer disciplina do programa. Mas ao mesmo tempo, nunca devemos esquecer que “nossa principal função” consiste no trabalho de evangelização e de ensino religioso”.¹⁰ A esta resposta se podem acrescentar outras, como: “Nosso ministério de evangelizadores é muito mais que uma função de bons professores”.¹¹ “ Omitir ou reduzir a dimensão religiosa de nossas escolas é uma desfiguração grave da finalidade do Instituto”.¹² “Fica claro, portanto, que o ensino da religião e a atividade pastoral – no contexto da educação humana e cristã – é uma dimensão constitutiva de nossa vocação”.¹³ Em sua última Carta Pastoral, com a data de 2000, admite a dificuldade da evangelização devido à escassez de meios, a indiferença dos alunos ou a secularização existente, mas anima os Irmãos a prosseguirem sem desfalecer, com estas belas palavras:

¹⁰ J. JOHNSTON, “Carta Pastoral, Nossa Vida Comunitária. Algumas Reflexões”, 1 de janeiro de 1992, Casa Generalícia, Roma 1992, 35.

¹¹ Id. “Carta Pastoral. Paz-Identidade-Conversão – 1 de janeiro de 1987, 19.

¹² Id. “Carta Pastoral. Transformação. Reflexões sobre nosso Futuro. 1 de janeiro de 1993 – Casa Generalícia, Roma, 1993, 35.

¹³ Id. “Carta Pastoral. Viver autenticamente em Cristo Jesus, 1 de janeiro de 1994, 38.

“Apesar das dificuldades na comunicação da fé hoje “não renunciamos ao nosso propósito de anunciar Jesus Cristo: Cremos que a juventude de hoje necessita da mensagem evangélica” (*Declaração, 39, 4*). Ser um *catequista por vocação* é amar e respeitar nossos jovens como pessoas humanas de distinção. É aceitá-los “como são” e levá-los a sério. É caminhar lado a lado com eles, permitindo que compartilhem abertamente suas perplexidades e seus questionamentos acerca do sentido da vida e da fé religiosa. Ser um catequista é partilhar com os jovens aquilo que nós vemos, pensamos e cremos, sem tentar impor nossa fé a eles”.¹⁴

5. A Escola Cristã, Espaço de Evangelização

O Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs, ao longo da história tem considerado que o melhor meio, nosso instrumento privilegiado e nosso campo preferido para educar humana e cristãmente os jovens é a escola. Mas, uma escola que se considera cristã deve ser um espaço de evangelização. Isto significa, “não é qualquer escola, embora nossas instituições sejam acessíveis às classes médias inferiores e aos jovens pobres; se não forem cristãs, não podem ser consideradas instrumento privilegiado para o ministério apostólico lassalista.”¹⁵

Mais claro e categórico é o documento do Superior Geral e seu Conselho à Família Lassalista, em que se lê: “ Se a escola lassalista introduzida numa nova cultura se tornasse apenas um meio de progresso social naquela sociedade, e não um enriquecimento da cultura através dos valores do Evangelho, seu valor, a longo prazo, deveria ser seriamente questionado”.¹⁶

O Instituto sente que a Igreja lhe pede não abandonar esse espaço de evangelização, que na época atual se tornou mais urgente que nunca.

6. A Criação de Comunidades de Fé na Escola

La Salle pensou que a melhor maneira de efetivar a missão de que Deus o incumbira, era reunir esses professores em comunidade, e fundou com eles o Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs. Era tão somente a comunidade de Irmãos que animava a escola cristã. Uma comunidade de religiosos com uma obra escolar.

Essa situação se manteve invariável durante muitos anos, mas na metade do século XIX, os primeiros professores leigos começaram a integrar a escola Lassalista. O número de professores leigos aumentou de maneira considerável depois do término da Segunda Guerra Mundial. A partir de então se está falando de comunidade educativa com diversos membros: Irmãos, professores e professoras leigos, sacerdotes, religiosos, religiosas... que se dedicam à formação humana e cristã das crianças e dos jovens. A partir do Concílio Vaticano II, e durante o período pós-conciliar, se recuperaram aspectos caídos no esquecimento na práxis da Igreja. Entre estes, o valor do laicato cristão e da comunidade, como eixo central de toda a sua pastoral e núcleo da vida eclesial. Isto repercutiu no novo planejamento da catequese e no processo de educação da fé, pondo-os sob o signo da comunidade.

Em 1975, o Papa Paulo VI, em sua “*Evangelii Nuntiandi*” tornou patente que a catequese “para ninguém é um ato individual e isolado, mas profundamente eclesial”.

Em 1977, o Sínodo dedicado à Catequese em nosso tempo, avançou na mesma linha e definiu que: “O espaço ou o âmbito da catequese é a comunidade cristã. A catequese não é uma tarefa

¹⁴ Id. “Carta Pastoral. O Desafio: Viver Hoje Nossa História Fundacional. 1 de janeiro de 2000, página 75, da Tradução portuguesa.

¹⁵ Id. “Carta Pastoral”. O Destino do Instituto. Nossa Responsabilidade. 1 de janeiro de 1988, 26.

¹⁶ Conselho Geral FSC. A Missão Lassalista: Educação humana e cristã. Uma Missão Partilhada. CVS, Valladolid, 1997, 76 (Tradução portuguesa).

meramente individual, mas sempre se realiza na comunidade cristã”¹⁷ Foi aqui que se cunhou a célebre locução: “A Comunidade como origem, espaço e meta da catequese”¹⁸

Assumindo a mensagem do Sínodo anterior, João Paulo II afirma em “Catechesi Tradendæ” a necessidade da orientação comunitária da catequese: “Aqueles que aderiram a Jesus Cristo pela fé e que se esforçam para consolidar essa fé mediante a catequese, têm necessidade de viver em comunhão com os demais que deram o mesmo passo. A catequese corre o risco de esterilizar-se, caso nenhuma comunidade de fé e de vida cristã acolher o catecúmeno, em certa fase da sua catequização”.¹⁹

A partir desse momento, a literatura catequética e os documentos oficiais das diferentes igrejas particulares fazem referência ao tema comunitário, como chave, para entender a catequese (a comunidade é condição necessária para a catequese, é a origem, o espaço natural, o sujeito da catequese, sua destinatária, seu objetivo e sua meta).

Esses pronunciamentos eclesiais de recuperação da comunidade como “origem, espaço natural, objetivo e meta da catequese”, causaram uma situação nova na escola lassalista. Será que toda a comunidade educativa pode ser considerada como comunidade cristã? – A resposta é “não”. Começa-se com fazer uma distinção entre a “comunidade educativa” e a “comunidade cristã”. A comunidade educativa é o conjunto das pessoas – pais, professores, alunos...- reunidos em torno de um projeto educativo. Nessa comunidade educativa convivem pessoas com diferentes perspectivas com relação à fé: os indiferentes, aqueles que vão em busca, aqueles que têm uma crença religiosa. Por sua vez, a comunidade cristã seria formada por todos os membros da comunidade educativa que desejam viver sua fé a partir do compromisso comunitário. Seu núcleo central seria constituído pela comunidade religiosa e o grupo de adultos que tenham percorrido um processo de iniciação integral à vida cristã, e, em torno desse grupo, se aglutinaria o resto dos grupos que ainda estão percorrendo o caminho rumo à comunidade.

Na literatura oficial do Instituto se está repetindo constantemente essa aspiração de criar comunidades de fé nos centros escolares. Assim, em 1981, no Encontro Intercapitular de Provinciais, os Irmãos eram convidados a se empenharem no sentido de fazer com que as comunidades educativas evoluíssem para comunidades de fé. Nos dois documentos mais importantes do Irmão Superior Geral e seu Conselho aos membros da família lassalista: “Carta à Família Lassalista” (1989), e “A Missão Lassalista: Educação Humana e Cristã, uma Missão Partilhada” (1997), foi enfatizada essa mesma idéia:

“Uma vez que, como pessoas que temos fé religiosa, nos reunimos para participar na mesma obra, não tenhamos medo de nos envolvermos mais amplamente na prática de nossa fé. Somos orientados para vivê-la mais integralmente, partilhá-la com outros, e expressá-la com alegria. Desta maneira formaremos parte da Igreja viva, dando provas de seu dinamismo, de sua criatividade e influência. Acreditamos que todas as instituições, todos os grupos lassalistas devem mobilizar-se para se tornarem comunidades de fé, cada uma organizando sua própria vida, seus ritmos, suas maneiras de se expressar, em comunhão efetiva com a Igreja local”.²⁰

Já em 1981, os Irmãos Provinciais apontavam as dificuldades para a criação dessas comunidades de fé: “O Encontro se manifestou muito sensível ao fato que, em certas regiões, muitos professores leigos, estão assumindo o magistério somente movidos para ganharem a vida sem nenhuma motivação cristã. Por vezes, as leis escolares limitam as possibilidades para escolher

¹⁷ Mensagem do Sínodo dos Bispos, 13

¹⁸ Proposição 25. Sínodo dos Bispos. 1977.

¹⁹ Catechesi Tradendæ, 24.

²⁰ Conselho Geral FSC, “Carta à Família Lassalista”, 2 de fevereiro de 1989, Casa Generalícia, Roma, 1989, 24.

os colaboradores como se desejaria”.²¹ – E é preciso reconhecer que as dificuldades são muitas e os resultados parecem exíguos, mas trata-se de um elemento fundamental em face do futuro: “Favorecer a formação desses grupos, ajudando a dar-lhes vida, sem cair nos escolhos do paternalismo ou do clericalismo, com certeza é uma dimensão essencial de nosso serviço na Igreja, agora e no futuro”²²

7. Processo Educativo Cristão da Escola Cristã Lassalista

Como já vimos, durante muitos anos a catequese na escola foi uma característica normal nas escolas cristãs lassalistas, inclusive nas escolas públicas. A catequese escolar era um dos componentes do currículo escolar.

A partir dos anos sessentas, com os avanços na pedagogia, na teologia e especialmente na catequese, começaram a ser estabelecidas algumas distinções. Não ficou tão claro que na escola se deva dar catequese, e que se deva ou possa incluir obrigatoriamente todos os alunos.

Nos anos setentas, se fez uma separação nítida entre o ensino religioso escolar e a catequese. Ao mesmo tempo, se começou a falar da educação nos valores, de pastoral juvenil, das atividades pastorais fora do recinto e dos períodos letivos.

Conforme as situações, as culturas, os países... se iniciou a ampliação do vocabulário catequético, cada vez mais matizado e mais complexo: Educação nos valores, educação da fé, catequese, formação cristã, pastoral, pastoral juvenil, pedagogia religiosa, pedagogia da fé, educação religiosa, ensino religioso escolar, ensino do catecismo, *Campus ministry* (Estados Unidos), *Aumôneries* (França), ... causando em certos momentos uma grande confusão.

Tanto os catequistas como o próprio Instituto tentaram pôr ordem em todo esse conjunto de palavras que giravam em torno da catequese. Irei agrupá-las em três conceituações: Quanto ao ambiente e os Valores Cristãos – Quanto ao Ensino Religioso Escolar (ERE) – Quanto à Catequese Explícita.

Ambiente e Valores Cristãos

A Escola Cristã deve ter alguns expedientes convencionados e símbolos exteriores que a caracterizem: orações, celebrações, decorações de ambientes... mas, isto não é o suficiente. Já no Concílio Vaticano II se falava das características específicas da escola católica: “É, porém, característica sua criar uma atmosfera de comunidade escolar animada pelo espírito evangélico da liberdade e da caridade [...]. Assim, pois, a escola católica a par de se abrir como convém às condições de progresso da nova era, educa seus alunos para que desenvolvam com eficiência o bem-estar da cidade terrestre, preparando-os igualmente para o serviço de expansão do Reino de Deus, a fim de se tornarem como que fermento salutar da comunidade humana, pelo exercício de uma vida exemplar e apostólica”.²³

O Irmão John Johnston, Superior Geral, em suas últimas cartas pastorais lembrava que “toda escola lassalista deve ser “sinal do Reino de Deus. Suas orientações, sua ambiência e a qualidade de seus relacionamentos devem “significar” a comunhão interpessoal que o Reino de Deus exige”.

²¹ Circular 415. Perspectivas para 1986. Reunião intercapitular de 1981. 1 de outubro de 1981, 19.

²² John Johnston, “O Destino do Instituto, Nossa Responsabilidade”, 35.

²³ *Gravissimum Educationis* Momentum, 8.

²⁴ John Johnston, “Carta Pastoral . O Desafio: Viver hoje nossa História Fundacional”. 1 de janeiro de 2000. 73 e ss.

Quais características deve ter uma escola lassalista para ser “sinal do Reino de Deus”?

- O *testemunho e a influência* dos educadores e da comunidade cristã inserida no próprio centro escolar.
- *Educação nos valores*. Comum a todos os alunos, independentemente de sua religião e cultura próprias.
- *Educação para a justiça*: Um mundo marcado pela injustiça, as flagrantes desigualdades, a falta de paz... tornam necessária a educação das pessoas para que não concordem com essas situações, e se empenhem em transformá-las.
- *Educação para a busca de soluções*: A escola cristã não é aquela que oferece muitas respostas, mas aquela que faz muitas perguntas e incita para encontrar as respostas; aquela que desenvolve a abertura ao Mistério, à capacidade de interpretar os sinais de Deus que vão aparecendo na vida.

Ensino Religioso Escolar

Sem dúvida alguma, a presença do ensino religioso é um elemento básico e imprescindível na escola católica. Na escola lassalista, seguindo toda a tradição histórica, não pode estar ausente: “Seria certamente um grave erro se os programas e atividades catequéticas da escola fossem reduzidos a um mero mínimo por causa das exigências do currículo”.²⁵

Na década dos anos noventas, o Irmão Superior Geral repetiu com mais insistência a prioridade das aulas de ensino religioso em nossas escolas, sua seriedade acadêmica e sua esmerada preparação, e na Carta Pastoral de 1991 alerta sobre o desaparecimento em alguns centros de ensino superior das aulas de religião, devido à existência de um currículo excessivo, ou por outros motivos.

A aula de religião não somente não pode estar ausente na escola, mas, os Irmãos, por sua tradição e história, devem ser especialistas na maneira de ministrar essas aulas. Nestes últimos anos, um grupo de Irmãos trabalhou na elaboração e na publicação de coleções completas de manuais de religião para o ensino religioso escolar.

Catequese Explícita

Ao nos referirmos ao Documento da Congregação para a Educação Católica, a “Dimensão Religiosa da Escola Católica”, já tratamos da polêmica criada acerca da questão se a escola católica pode ou não dar catequese.

Nos últimos anos, foi lembrado no Instituto que as aulas de ensino religioso, ou de religião não são suficientes, mas que deve existir um projeto de pastoral que mantenha ativa e animada a vida espiritual da escola. São indispensáveis os movimentos juvenis, os grupos de reflexão, de retiro, catequísticos... Essa insistência surgiu da realidade vivida em alguns centros, onde o projeto pastoral da escola se limitava ao ensino religioso escolar. As outras proposições pastorais sempre são imprescindíveis em qualquer escola lassalista.

8. Integração na Pastoral da Igreja

Como nos foi dado ver ao longo de todo esse movimento histórico, o Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs sempre tem estado a serviço da Igreja. Na reunião intercapiular de 1981, os Irmãos

²⁵ Conselho Geral FSC, A Missão Lassalista: Educação Humana e Cristã: Uma Missão Partilhada, 70 (Ed. Portuguesa).

formularam um pedido para que todas as iniciativas catequéticas e catequísticas se integrassem na “pastoral de conjunto”, que todas essas novas comunidades de fé criadas na escola católica deviam fazer-se em nome da Igreja local e em vinculação com seus ministros. A Regra de 1987 incita os Irmãos a colaborar com a Igreja local, quer como catequistas, quer como formadores ou animadores de cristãos chamados ao serviço da catequese.

É difícil fazer um balanço dos relacionamentos Igreja Local-Escola Lassalista para a realidade global do Instituto. O informe do Conselho Geral e do Irmão Superior Geral ao Capítulo de 1986 indicava a insuficiente participação dos Irmãos no Plano Pastoral de Conjunto.

Juntamente com colaborações magníficas são vividas realidades locais não tão positivas, devido a incompreensões, ausência de diálogo ou conceituações eclesiológicas diversas entre a escola e certas paróquias. O conflito mais vezes repetido surge quando a paróquia se considera a si mesma como única comunidade válida, e as escolas pensam que a paróquia é “comunidade de comunidades”, e que, portanto, a catequese deve ser repartida entre as diversas comunidades da paróquia, não absorver sua função, mas assegurá-la e coordená-la. O diálogo escola-catequese-paróquia sempre é um desafio em face do futuro como testemunho de unidade eclesial e de eficácia pastoral.

Por parte da Igreja sempre nos tem sido solicitada uma liderança dentro da ambiência catequética e educativa. O Irmão José Pablo Basterrechea, em sua última carta pastoral, em 8 de dezembro de 1985, escreveu que a Igreja necessita de catequistas que não somente sejam instrutores de religião, mas principalmente líderes e animadores das comunidades cristãs. Pediu que os Irmãos se atirassem à criação de escolas de catequistas e a programas de formação para animadores, porque este ministério estava totalmente em consonância com aquilo que os Irmãos são e de sua missão na Igreja.

Também o Irmão John Johnston, em sua última carta, se perguntou se, na área de catequese, verdadeiramente exercemos uma liderança como a Igreja nos pede: “Ao longo de nossa história, muitos Irmãos foram líderes proeminentes no campo da educação na fé. Neste campo, ainda hoje, alguns Irmãos estão exercendo extraordinária liderança na Igreja, tanto local como nacional. Também, estamos educando centenas de “catequistas, em nossas universidades e centros especializados em todo o mundo. [...] Por outro lado, alguns Irmãos perguntam se estamos exercendo a liderança que deveríamos exercer. Eu faço esta pergunta a mim mesmo, e espero que o Capítulo Geral a leve em consideração”.²⁶

8. Evangelização e Catequese nas Sociedade Pluralistas. Inculturação, Ecumenismo e Diálogo Inter-religioso

O Instituto, presente em mais de 82 países e como verdadeira escola católica que aceita a todos que chegam, desde há muitos anos, tem vivido diversas situações que se manifestam em: “Temos – muitas vezes na mesma escola – jovens que “vivem” sua fé católica e outros que não a vivem; jovens que são cristãos, mas não são católicos; jovens não-cristãos; jovens indiferentes ou até hostis perante qualquer religião “organizada”.²⁷

Essa situação se torna mais urgente em países onde a escola lassalista está situada em áreas onde os católicos são minoria. Os representantes dessas regiões vêem essas situações como problemáticas, e no 42º Capítulo Geral formularam este pedido:

²⁶ JOHN JOHNSTON, “Carta Pastoral. O Desafio: Viver Hoje Nossa História Fundacional, 76 (Trad. portuguesa).

²⁷ JOHN JOHNSTON, “Carta Pastoral. Viver Autenticamente em Cristo Jesus. 1 de janeiro de 1994. 29 (Trad. portuguesa)

“Que o Capítulo reconheça a enorme diversidade de culturas e de religiões na Região Ásia-Pacífico e, especialmente as dificuldades que os Irmãos que trabalham nos países não-cristãos têm que enfrentar. Por conseguinte. Torna-se necessário: a) Identificar as características da escola lassalista hoje num país que não é cristão. – b) Insistir que numa situação de diferentes tipos de fé ou de culturas, o movimento lassalista deveria ressaltar os valores humanos e espirituais, mais do que centrar-se na ética cristã”.²⁸

Essa problemática da inculturação, do diálogo ecumênico e inter-religioso se faz presente, e os documentos oficiais do Instituto lhe dedicaram grande importância nestes últimos 20 anos:

A Inculturação. A Circular 415, que expõe extensamente os resultados da Reunião Inter-capitular de 1981, diz o seguinte quanto à inculturação: “As proposições da reunião inter-capitular nos apremiam a adequar igualmente nosso trabalho com o maior respeito e a melhor estima de cada cultura, porque o homem a quem servimos está imerso nesse meio social, em que vive e atua”.²⁹

Esta declaração oficial, clara sobre o respeito e a estima por todas as culturas, foi reafirmada pela Regra de 1987: “Toda cultura precisa ser evangelizada. Os Irmãos empenham-se por conhecer, respeitar e assimilar os valores positivos da herança cultural dos povos em que estão inseridos e aos quais são chamados a servir. Com alegria e esperança. Descubrem neles os sinais da presença do Espírito Santo. Zelam para que o fermento evangélico chegue a renovar e enriquecer tal herança cultural”.³⁰

O conhecimento por parte do aluno, de sua própria cultura, e a consciência de respeito pelas outras culturas, deve estar presente na formação dos alunos que vêm a nossas escolas. Isto dizia o Superior Geral aos lassalistas europeus em Estrasburgo, em 1994: “Nossa escola, hoje, deve ajudar os jovens a descobrir suas próprias raízes culturais, a ter um sentimento de pertença a ela e, ao mesmo tempo, dar-se conta das riquezas de outras culturas”. Mas, não só isto. O Superior acrescenta: “Os educadores devem ajudar aos jovens a reconhecer os preconceitos que podem ter a respeito de outros grupos raciais, étnicos ou religiosos, e a fazer-lhes frente. Os jovens devem ser animados a participar ativamente na busca de soluções justas ante os enormes desafios da imigração na Europa de hoje. Devem ser animados a comprometer-se na luta com aqueles que sofrem de discriminação, e a trabalhar em sua defesa”.³¹

Diálogo Ecumênico e Inter-religioso. Neste mesmo número já temos visto como a atenção a nossos alunos de outras confissões cristãs diferentes da católica, e alunos de outras religiões, ocupam um espaço cada vez mais importante. Nos últimos anos, a presença de não-católicos é cada vez mais freqüente, e não só nos países da Ásia e da África. Os fenômenos migratórios e os processos de secularização fazem que seja um tema também sentido e vivido nos países do Primeiro Mundo, inclusive os de tradição católica.

A reflexão do Instituto sobre o diálogo ecumênico e inter-religioso se tem tornado sempre mais precisa. Particularmente a Carta do Irmão John Johnston, de 1995, incluída no Documento “A Missão Lassalista: Educação Humana e Cristã. Uma missão Partilhada”, de 1997, e a Circular 443, “Reflexão sobre a Política Missionária do Instituto”, dedicam uma série de páginas para apresentar a visão do Instituto sobre esse tema.

²⁸ Arquivos da Casa generalícia ED 308-11. Roma.

²⁹ Circular 415. Perspectivas para 1986. Reunião Inter-capitular de 1981, 11.

³⁰ R. 18

³¹ John Johnston, “Lasaliani senza frontiere: una sfida. Discorso conclusivo no Congresso Lassalista de Estrasburgo, in Revista Lasalliana, 61 (1994), nº 3, 173-190.

Uma das chamadas do Sínodo da Vida Religiosa aos consagrados é a de dialogar com as outras religiões. O Superior, na Carta de 1995, propôs seis maneiras de encontrar-se com os jovens mediante o diálogo, sejam eles cristãos ou não:

- *Relações fraternas*: quando promovemos relacionamentos fraternos entre os jovens sem levar em conta suas crenças religiosas, estamos evangelizando.
- *Promoção Humana e Educação*: quando nos engajamos no desenvolvimento intelectual, moral, psicológico e físico dos que Deus confiou a nossos cuidados, estamos evangelizando.
- *Promoção da Justiça*: quando procuramos sensibilizar nossos alunos para as questões de justiça social e os estimulamos a se engajarem na construção de sociedade mais justa, estamos evangelizando.
- *Oração*: quando tornamos possíveis e promovemos formas variadas de oração e celebrações de expressão religiosa entre nossos jovens, estamos evangelizando.
- *Diálogo Informal*: quando nos comunicamos com os jovens com sinais e símbolos que mostram a escola como católica; quando partilhamos nossa fé com jovens em conversas informais – num total respeito de suas crenças – estamos evangelizando.
- *Diálogo Formal* : quando organizamos palestras, seminários, grupos de discussão sobre assuntos que tratam de nossa fé como cristãos, estamos evangelizando.³²

Em suas reflexões, o Irmão Superior recordou que este diálogo e o respeito pelas outras religiões e confissões não nos deve fazer esquecer nossa consciência missionária e que, portanto, qualquer educador cristão deve proclamar e propor a Boa-Nova de Jesus Cristo, porque Ele é o Caminho, a Verdade e a Vida.

A diminuta proporção de católicos em nossas escolas, as possíveis restrições à liberdade religiosa em outras, a tristeza ante a secularização da sociedade, em muitos casos, levaram ao total silêncio com referência à proclamação de nossa fé; uma tendência “anti-missionária” que não se dá somente em nosso Instituto, mas também na Igreja.

9. A Necessária e Permanente Formação de Catequistas

Para a concretização competente de seu labor educativo e catequístico, os Irmãos e todos os educadores cristãos necessitam de uma formação adequada. Esta é uma insistência permanente do Instituto e da Igreja. As diversas mudanças que se efetuaram nas últimas décadas nos instam a uma formação permanente, porque, muitas vezes, as respostas dadas aos jovens são insuficientes e insatisfatórias. O ingresso maciço de leigos nos centros educacionais lassalistas faz com que as necessidades de formação sejam cada vez maiores. Suas implicações nas atividades pastorais e catequéticas são mais freqüentes. Alguns deles têm uma série de responsabilidades que, anos passados, seriam inimagináveis para os próprios Irmãos. Nos últimos anos, as Províncias e o Instituto, consideraram que todos os esforços formativos são necessários, e estes são o melhor investimento em face do futuro.

³² John Johnston. “Carta Pastoral. Nosso Carisma à Luz do Sínodo. 1 de janeiro de 1995, 63 e 64, ed. Portuguesa. – A Missão Lassalista de Educação Humana e Cristã. Uma Missão Partilhada, 98 (Trad. Portuguesa).